

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

BRUNA INÊS METZ

**TRANSFORMAÇÕES DA MODA NO SÉCULO XX E A NOVA ECONOMIA
INSTITUCIONAL**

Porto Alegre

2019

BRUNA INÊS METZ

**TRANSFORMAÇÕES DA MODA NO SÉCULO XX E A NOVA ECONOMIA
INSTITUCIONAL**

Trabalho de conclusão submetido ao Curso de Graduação da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharela em Ciências Econômicas.

Orientador: Prof. Dr. Leonardo Xavier da Silva

Porto Alegre

2019

CIP - Catalogação na Publicação

Metz, Bruna Inês
Transformações da moda no século XX e a Nova
Economia Institucional / Bruna Inês Metz. -- 2019.
78 f.
Orientador: Leonardo Xavier da Silva.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade
de Ciências Econômicas, Curso de Ciências Econômicas,
Porto Alegre, BR-RS, 2019.

1. Moda. 2. História da moda. 3. Nova Economia
Institucional. 4. Mudança Institucional. 5. Século XX.
I. Silva, Leonardo Xavier da, orient. II. Título.

BRUNA INÊS METZ

**TRANSFORMAÇÕES DA MODA NO SÉCULO XX E A NOVA ECONOMIA
INSTITUCIONAL**

Trabalho de conclusão submetido ao Curso de Graduação da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharela em Ciências Econômicas.

Aprovada em: Porto Alegre, 04 de julho de 2019.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Leonardo Xavier da Silva – Orientador
UFRGS

Profa. Dra. Janice Dornelles de Castro
UFRGS

Prof. Dr. Stefano Florissi
UFRGS

Aos meus pais Berti e Lisiane e à minha irmã Ana Julia.
Sem vocês nada seria possível.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer a todos os professores e funcionários da Universidade Federal do Rio Grande do Sul que, durante estes quase cinco anos, fizeram com que meu aprendizado e desenvolvimento pessoal fossem possíveis. A UFRGS me possibilitou um crescimento profissional e pessoal, me tornando uma cidadã mais ciente da realidade e mais capaz de entendê-la.

Gostaria de agradecer, em segundo lugar, à minha família, pelo apoio incondicional durante todos os momentos da minha vida. Nem sempre foi fácil morar sozinha em Porto Alegre, mas vocês tornaram os problemas mais fáceis de solucionar e a vida mais tranquila de ser vivida. Obrigada por sempre acreditarem em mim e me apoiarem, independente da situação.

Agradeço também aos amigos que fiz durante minha trajetória acadêmica, principalmente Ana, Gabriel, Júlia e Selena. Obrigada por tornarem essa jornada mais divertida e por estarem do meu lado nos piores e melhores momentos. Quero levar a amizade de vocês para toda minha vida. Vocês são pessoas muito especiais.

Por último, gostaria de agradecer ao meu orientador Leonardo Xavier da Silva. Obrigada por ter me ajudado a pôr em prática as mil e uma ideias que tinha e não sabia como concretizar. Tenho uma admiração imensa pelo professor e pela pessoa ímpar que és. Obrigada por ter me incentivado tanto e pela paciência de sempre.

Espero que este trabalho consiga encorajar mais pessoas a estudarem a economia em interdisciplinaridade com temas não comumente abordados, possibilitando um enriquecimento desta área e uma ampliação dos horizontes de conhecimento.

A história importa. Importa não só porque podemos aprender com o passado, mas também porque o presente e o futuro estão relacionados com o passado por meio da continuidade das instituições na sociedade (NORTH, 2018, p. 9).

RESUMO

A moda é um setor econômico que se desenvolveu de maneira extraordinária ao longo do século XX. Ao observarmos o vestuário neste período, é possível relacionar as mudanças nas tendências da moda aos acontecimentos históricos através de conceitos econômicos oriundos da Nova Economia Institucional. A metodologia utilizada foi a revisão bibliográfica tanto de obras de economistas, como de historiadores da moda, e posterior interpretação pessoal. Conclui-se que a moda ao longo do século XX possui a característica de ser dependente da trajetória histórica vigente, pois as tendências podem ser vistas como um encadeamento narrativo de mudanças institucionais ao longo das décadas. A moda é complexa e multifatorial, logo, a interdisciplinaridade com a teoria econômica proporciona um melhor entendimento de sua história em um período de tantas transformações como o século XX.

Palavras-chave: Moda. História da moda. Nova Economia Institucional. Mudança institucional. Século XX.

ABSTRACT

Fashion is an economic sector that has developed in an extraordinary manner throughout the twentieth century. As we observe the clothing in this period, it is possible to relate changes in fashion trends to historical events through economic concepts from the New Institutional Economics. The methodology used was the bibliographical review of works by economists, as well as by fashion historians, and later personal interpretation. In conclusion, the history of fashion in the twentieth century has the characteristic of being trajectory-dependent, since the trends can be seen as a narrative chain of institutional changes throughout the decades. Fashion is complex and multifactorial, so the interdisciplinarity with economic theory provides a better understanding of its history in a period of so many transformations as the twentieth century.

Keywords: Fashion. History of fashion. New Institutional Economics. Institutional change. Twentieth century.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Vestimenta feminina na Belle Époque	29
Figura 2 - Vestido preto básico de Chanel	33
Figura 3 - Uniforme feminino utilizado na Primeira Guerra Mundial	36
Figura 4 - Mulheres trabalhando na indústria durante a Segunda Guerra Mundial.....	41
Figura 5 - Vestimenta <i>Ivy League</i>	45
Figura 6 - Vestimenta feminina na década de 1950	46
Figura 7 - Audrey Hepburn em seu figurino de Bonequinha de Luxo	50
Figura 8 - Protesto feminista na década de 1960.....	51
Figura 9 - Coleção "Era Espacial" de Pierre Cardin.....	53
Figura 10 - Estilo Glam Rock.....	56
Figura 11 - Estilo <i>Punk Rock</i>	57
Figura 12 - Vestido Bandagem de Hervé Läger	59
Figura 13 - Propaganda da marca Ralph Lauren na década de 1980.....	61
Figura 14 - <i>Power dressing</i> na década de 1980.....	62
Figura 15 - Roupas femininas minimalistas dos anos 1990	65
Figura 16 – A controversa coleção <i>Bondage</i> de Versace.....	67

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 A TEORIA ECONÔMICA DAS INSTITUIÇÕES	13
2.1 INSTITUIÇÕES E DEPENDÊNCIA DA TRAJETÓRIA	14
2.2 O COMPORTAMENTO HUMANO E OS CUSTOS DE TRANSAÇÃO	18
2.3 A MUDANÇA INSTITUCIONAL NO PROCESSO HISTÓRICO	22
3 A MODA NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX	28
3.1 A PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL E A GRANDE DEPRESSÃO	31
3.2 A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL E SEUS DESDOBRAMENTOS	39
4 A MODA NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XX	48
4.1 ANOS 60: CORRIDA ESPACIAL E CULTURA POPULAR JOVEM	49
4.2 ANOS 70: CONTRACULTURA E NOVAS TECNOLOGIAS	54
4.3 ANOS 80: INTERNACIONALIZAÇÃO DA MODA E ASCENSÃO DA ÁSIA	58
4.4 ANOS 90: TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E GLOBALIZAÇÃO	64
5 CONCLUSÃO	70
REFERÊNCIAS	72
ANEXO A – linha do tempo	76

1 INTRODUÇÃO

A moda como setor econômico surgiu em meados do século XV, no início do renascimento europeu. Começou como uma maneira de diferenciar as classes sociais, estando presente apenas para a alta sociedade, e se difundiu aos poucos para o resto da população, adquirindo um caráter temporário e transitório. Ao longo do desenvolvimento do mundo moderno, a moda influenciou a sociedade em fatores socioeconômicos e refletiu contextos histórico-culturais vividos; não somente transparecendo mudanças na sociedade, mas contribuindo para que elas ocorressem.

A moda e a economia possuem uma história que se relaciona estreitamente ao longo dos anos. Das monarquias europeias ao mundo digital, o vestuário tornou-se um meio de expressão, transformando-se de acordo com o contexto histórico e funcionando como uma engrenagem de movimento constante que afeta diretamente a vida em sociedade. Um dos períodos de maior contribuição para o desenvolvimento deste importante setor da economia foi o século XX, marcado por um crescente fluxo de informação, devido ao rápido desenvolvimento dos meios de comunicação.

O presente trabalho se propõe a realizar uma análise da teoria da Nova Economia Institucional e dos principais acontecimentos que marcaram o século XX, buscando realizar um panorama de como a mudança institucional refletiu nas tendências da moda ao longo dos anos. Na história, a mesma moda que serviu para ostentar os valores e a grandeza de uma época, teve a função de suportar a crise e os tempos incertos de outra, o que faz deste setor econômico um interessante meio de observar a evolução da sociedade e da economia ao longo dos anos.

O século XX pode ser dividido em duas grandes partes: a primeira metade, dos anos 1900 até o final da década de 1950, e a segunda metade, dos anos 1960 ao final dos anos 1990. A primeira metade do século se caracteriza por um enorme otimismo inicial, que refletiu o contexto da Belle Époque, período de grande crescimento e avanço econômico no mundo. O advento da Primeira Guerra mundial, que ocorreu de 1914 a 1918, encerrou o período de paz e modificou o funcionamento da sociedade. O pós-guerra trouxe consigo outra onda de otimismo, que gerou inovações e expectativas, culminando posteriormente na queda da bolsa de valores de Nova Iorque em 1929 e na

Grande Depressão dos anos 1930. Em 1939 o mundo presenciou a Segunda Guerra Mundial, um conflito de proporções nunca antes vistas, que se estendeu até 1945. Em paralelo ao final da guerra, Christian Dior lança, em 1947, sua coleção conhecida como New Look, que gerou uma nova visão sobre a vestimenta feminina e revolucionou a maneira que as roupas eram comercializadas no mundo inteiro. A alta-costura manteve seu poder de decisão sobre as direções a serem seguidas na moda, transformando-se em um grande ditador de tendências. Os desdobramentos da Segunda Guerra Mundial foram observados nos anos 1950, com a transformação do papel da mulher na sociedade, que fez com que a imagem da "dona de casa" fosse glorificada e estimulada pela mídia em geral, causando uma nova transformação das estruturas da sociedade.

A segunda metade do século XX se caracteriza por suas inúmeras transformações sociais. Em 1960, ocorreu o advento das roupas prontas para usar, chamadas pelos franceses de prêt-à-porter, principalmente por conta do crescimento do mercado consumidor. Ao mesmo tempo, tanto a moda quanto a arte se tornaram impulsionadas pela obsessão da sociedade com a cultura popular. O espírito revolucionário - e o poder de compra - dos jovens, dominou a moda a partir de então. A ascensão da classe média sinalizou o declínio gradual dos códigos de moda elitistas e da alta-costura, que cedeu o controle das tendências da moda para as ruas das grandes cidades. A moda foi adotada como uma ferramenta de comunicação política e social, e promoveu visualmente a dissensão de grupos de jovens - como os hippies e os punks - em protesto contra ideais e crenças convencionais. Ao longo das últimas décadas do século, as culturas orientais e ocidentais contribuíram para a crescente democratização da moda, à medida que o multiculturalismo se tornou parte integrante das coleções da alta-costura. A moda tem sido e continua a ser incorporada no tecido cultural da sociedade ao longo dos anos.

Considerando a estrutura da transformação da moda no decorrer das décadas, este estudo será apresentado em três capítulos diferentes, com seus determinados subcapítulos: a teoria econômica das instituições, a moda na primeira metade do século XX e a moda na segunda metade do século XX.

A metodologia para tal análise será através de revisão bibliográfica tanto de obras de economistas, como de historiadores da moda, e posterior interpretação pessoal. A interdisciplinaridade deste trabalho é justificada pelas inúmeras variáveis que afetam a

indústria da moda, criando um conjunto complexo de fatores que desencadeiam em mudanças econômicas e sociais e impactam no desenvolvimento dos países. A teoria econômica é uma importante ferramenta para a análise das mudanças estruturais na sociedade ao longo dos anos e como estas impactaram nas tendências da moda em cada período, demonstrando a relevância do estudo do passado para o entendimento do presente e do futuro.

2 A TEORIA ECONÔMICA DAS INSTITUIÇÕES

O institucionalismo econômico surgiu entre o final do século XIX e o início do século XX como uma crítica ao pensamento econômico ortodoxo. Os primeiros institucionalistas apresentavam-se como pensadores com abordagem focada nas instituições, relacionando-se com as áreas de psicologia, sociologia e direito. Esta abordagem atingiu seu auge entre as décadas de 1920 e 1930, perdendo espaço para as ideias keynesianas no período da Grande Depressão (RUTHERFORD, 2011). O institucionalismo ficou praticamente esquecido no debate econômico até a década de 1970, pois os pensamentos da Escola Neoclássica, predominantes no período, não condiziam com a existência de instituições na economia. Isto mudou com o surgimento da Nova Economia Institucional nos anos 1970, que uniu elementos do Institucionalismo de autores como John R. Commons e Ronald Coase, e conceitos da Escola Neoclássica relativos ao comportamento dos agentes na sociedade. Esta construção apoiada à teoria neoclássica permitiu que aspectos não abordados na análise fossem inseridos e que fundamentos considerados equivocados fossem modificados (FURUBOTN; RICHARD, 2005).

A Nova Economia Institucional reintroduziu a teoria das instituições ao pensamento econômico, trazendo um enfoque central a estas e considerando-as impactantes nas escolhas dos indivíduos, como entidades em constante transformação. O estudo da racionalidade dos agentes foi reformulado, bem como a forma de analisar seu processo de decisão. Além disso, a escola trata os preços como parte essencial da teoria das instituições e do processo de mudança institucional, abordando o conceito de custos de transação ao enfatizar a presença de comportamentos oportunistas por parte dos agentes (MÉNARD; SHIRLEY, 2005).

A análise da teoria acerca das instituições neste trabalho será dividida em três diferentes seções: primeiro, introduziremos os conceitos de institucionalismo e de dependência da trajetória; após, analisaremos as teorias sobre o comportamento humano e os custos de transação; por último, exploraremos os estudos de Douglass North acerca da mudança institucional no processo histórico.

2.1 INSTITUIÇÕES E DEPENDÊNCIA DA TRAJETÓRIA

As instituições são definidas como regras escritas ou não, incumbidas de reduzir a incerteza no ambiente de tomada de decisão dos agentes. Ao definir e limitar o conjunto de escolhas dos indivíduos, as instituições conferem estrutura à vida em sociedade, fazendo com que a incerteza possa ser reduzida (NORTH, 2018). Porém, para que as instituições possam ser incorporadas à teoria econômica, é necessário, primeiro, que a incerteza exista, o que contraria a análise estática realizada pelos pensadores neoclássicos (BERNARDI, 2012).

A Escola Neoclássica surgiu no final do século XIX, visando a transformar a Economia em uma ciência pura, introduzindo modelos matemáticos à análise. O principal foco passou a ser o problema da escassez e da troca, tornando a teoria subjetiva com a busca da maximização da utilidade pelo indivíduo. Os pressupostos dessa corrente de pensamento incluem os conceitos de racionalidade plena e informação perfeita, contrastando com a posterior Economia Institucionalista que pregava que a racionalidade seria, na verdade limitada e que a informação que os indivíduos possuíam seria incompleta (BERNARDI, 2012).

A racionalidade dos indivíduos era considerada, pela teoria neoclássica, como plena ou "ilimitada", significando que as pessoas eram dotadas de capacidade suficiente para calcular e escolher, diante das alternativas, o melhor caminho para se alcançar a maximização de sua utilidade, além de conhecerem a distribuição de probabilidade de suas preferências (SIMON, 1986). Isso implica em os indivíduos possuírem informação completa, ou seja, toda a informação necessária para que o cálculo de maximização da utilidade seja realizado. Além disso, as pessoas teriam acesso a ela sem custo e haveria simetria de informação entre os agentes, tornando os contratos perfeitos. Neste cenário, as instituições não seriam necessárias e atuariam apenas de maneira passiva na sociedade, já que a incerteza não se apresenta em um ambiente onde há informação perfeita. Para a corrente institucionalista, entretanto, estes pressupostos não condiziam com a realidade da grande maioria dos países. A racionalidade seria para eles limitada e as informações imperfeitas, fazendo com que exista incerteza nas interações entre agentes econômicos e as instituições sejam necessárias para regular o ambiente de

trocas entre os indivíduos, reduzindo riscos e custos de transação (MÉNARD; SHIRLEY, 2005).

As instituições têm o papel principal de reduzir a incerteza, ao estabelecer uma estrutura estável - mas não necessariamente eficiente - para a interação humana. Elas são um conjunto de regras usadas para decidir quem deve tomar as decisões, quais normas serão utilizadas, que informações serão providas e para promover a cooperação entre os agentes. Do ponto de vista econômico, especificamente, servem para reduzir os custos de transação. Para North (2018), as instituições possuem uma grande função na sociedade: são o fator determinante implícito do desempenho econômico de longo prazo. Outra definição feita por North é:

As instituições são as regras do jogo em uma sociedade e, em definição mais formal, as restrições concebidas pelo homem que moldam a interação humana. Por consequência, estruturam incentivos no intercâmbio humano, sejam eles políticos, sociais ou econômicos (NORTH, 2018, p. 13).

As instituições são um conjunto de regras, procedimentos e normas éticas e morais desenhadas para restringir o comportamento dos indivíduos em busca da maximização da riqueza ou da utilidade dos dirigentes. Devemos, aqui, distinguir entre os conceitos de agentes e dirigentes. Os agentes são indivíduos que trabalham para os dirigentes, que são os que comandam as decisões na interação econômica, porém, a maioria dos indivíduos é agente em uma função como trabalhador e dirigente em outra como consumidor (NORTH, 1982).

É crucial especificar as características comportamentais dos indivíduos que fazem necessárias as restrições que são a base das instituições na sociedade. Para isso, nos utilizamos do postulado da maximização individual da teoria econômica, que diz que os indivíduos, na ausência de restrições, maximizam sua utilidade de qualquer maneira possível. Ou seja, são as restrições que fazem com que a organização entre seres humanos seja possível, limitando certos tipos de comportamento, como o oportunista, que é definido como uma ação intencional em que os agentes econômicos buscam seus próprios interesses nas transações, agem em benefício próprio aproveitando-se de omissões ou lacunas contratuais em detrimento dos parceiros. Este comportamento, porém, é complexo e nem sempre os indivíduos agem oportunisticamente em situações

similares (WILLIAMSON, 1985). Uma parte essencial das restrições que constroem as instituições são as normas de comportamento moral e ético, que derivam de ideologias desenvolvidas pelos indivíduos para lidar com o ambiente em que estão inseridos (NORTH, 1982). As instituições só serão estáveis se forem apoiadas por organizações com interesse em sua perpetuação, logo, uma parte essencial da reforma política/econômica é a criação de tais organizações (NORTH, 1973).

Para uma melhor compreensão dos conceitos, é necessário realizar a breve distinção entre instituições e organizações. Enquanto as instituições são as restrições concebidas pelos indivíduos para moldar a interação humana, as organizações são grupos de indivíduos vinculados por algum propósito comum em busca da consecução de determinados objetivos (NORTH, 1993). Organizações são os modos diferentes de regulamentação que os agentes encontram para a manutenção da produção e das trocas, incluindo mercados, firmas, arranjos contratuais e comportamentos que reforcem esses arranjos (MÉNARD; SHIRLEY, 2005). Assim como as instituições, as organizações proporcionam uma estrutura para a interação humana, abrangendo órgãos políticos, econômicos, sociais e educacionais; porém, não são normas sociais, e sim uma junção de agentes com uma finalidade em comum (NORTH, 1993).

Existe uma subdivisão entre as instituições, que podem ser regras formais ou restrições informais. As regras formais caracterizam-se pelas normas criadas pelos seres humanos, como as leis estatutárias, o direito comum e as regulações. As restrições informais definem os tratados e os códigos de conduta de uma sociedade, como por exemplo as convenções sociais, as normas de comportamento e os códigos de conduta (ACEMOGLU; ROBINSON, 2012). Para North (2018), a diferença entre os tipos de instituições é de grau, pois elas vão de um contínuo dos costumes e tradições até as constituições formalmente escritas. As restrições formais podem mudar radical e velozmente em virtude de decisões políticas ou judiciais, mas as restrições informais, incorporadas nos costumes e códigos de conduta, são bem mais resistentes a mudanças (NORTH, 1993). Quando ocorre uma mudança abrupta nas regras formais de uma sociedade que as torna incompatíveis com as restrições informais vigentes, a tensão gerada entre elas acaba por ocasionar uma instabilidade política de longo prazo, impactando fortemente no sistema econômico (NORTH, 2018).

Os interesses das organizações e a estrutura das regras possuem uma dinâmica de relacionamento que tem como fim último uma relação harmônica em sociedade. Essa dinâmica é chamada de eficiência adaptativa, que consiste em instituições e crenças que se ajustam a um mundo em mudança de maneiras que produzem, em média, melhores resultados sociais (WALLIS, 2010). A eficiência adaptativa se relaciona inerentemente com o tema da mudança institucional, que será tratado adiante nesse estudo teórico.

Segundo Acemoglu e Robinson (2012), foram as instituições em vigor nas várias partes do mundo que determinaram, ao longo da história, como cada país seria afetado por mudanças críticas na sociedade. O desenvolvimento destes organismos é moldado por fatores históricos, mas não se trata de um processo simples, predeterminado nem cumulativo. A história desempenha seu papel na diferenciação institucional por meio de detalhes que, por menores que sejam, podem se amplificar e levar a mudanças drásticas nas regras sociais. Para North (2018), as normas culturais não somente ligam o passado ao presente e ao futuro, como também nos proporcionam uma chave para explicar a trajetória da mudança histórica das sociedades. Também, segundo Acemoglu e Robinson: “Os resultados dos acontecimentos durante circunstâncias críticas vão depender do peso da história, à medida que as instituições econômicas e políticas moldam o equilíbrio de poder e delineiam o que é viável politicamente.” (ACEMOGLU, ROBINSON 2012, p. 114).

Com a concepção de que a história importa para condicionar o futuro, a Escola Institucionalista concluiu que a perspectiva histórica explicaria a estrutura e o funcionamento dos arranjos institucionais da sociedade. Esta hipótese foi demonstrada por William Brian Arthur e Paul Allan David, os autores que pela primeira vez fizeram os historiadores econômicos discutirem a questão da dependência da trajetória, conceito que é ferramenta analítica para se entender a importância de sequências temporais no desenvolvimento da história e das instituições (KAY, 2005). Segundo North (1993), a história é sobre como as escolhas de ontem afetam as decisões de hoje, logo, qualquer ponto de partida não é apenas arbitrário, mas uma continuidade essencial desta história. A dependência da trajetória implica que a história é relevante e que não podemos compreender as escolhas do presente sem traçar a evolução incremental das instituições (NORTH, 2018). O conceito é utilizado de maneiras distintas e com diversos graus de

especificação, tanto para entender fenômenos políticos e sociais, quanto para a compreensão analítica da mudança econômica de longo prazo (BERNARDI, 2012; NORTH, 2018). A compreensão de causalidade histórica adota a cronologia para contar uma história, supondo que para descobrir a lógica dos acontecimentos no mundo é preciso entender os detalhes de como se chegou ao ponto do presente. Ao incorporar a dimensão temporal dos processos sociais às análises a partir da ideia de dependência da trajetória, a situação econômica deixa de ser vista como algo estático e passa a ser um estudo multidisciplinar de horizonte temporal mais longo (NORTH, 1993).

Para um melhor entendimento das trajetórias e tendências na moda ao longo dos anos, analisar as mudanças históricas entre os períodos é muito importante. Em relação, mais especificamente, ao século XX, período estudado neste trabalho, o exame mais detalhado das mudanças nas instituições é essencial, pois este foi o século com mais transformações na história do mundo moderno. A dependência da trajetória institucional existe por causa das externalidades de rede, economias de escopo e complementaridades que existem em uma dada matriz institucional. Logo, para compreendermos inteiramente o papel das instituições e como elas evoluem, precisamos estudar primeiro o comportamento humano nas trocas e definir o que são os custos de transação e quais são suas causas e consequências no processo econômico.

2.2 O COMPORTAMENTO HUMANO E OS CUSTOS DE TRANSAÇÃO

As instituições são uma criação dos seres humanos e são por eles alteradas ao longo do tempo, logo, é fundamental observar o indivíduo que está inserido na sociedade. Para a escola de pensamento neoclássica, como vimos anteriormente, a tomada de decisão era interpretada como uma tentativa de maximização da utilidade do indivíduo, com realização da alocação ótima dos recursos disponíveis para determinada renda. O mercado seria um ambiente de concorrência perfeita, gerando sempre o resultado mais eficiente e não havendo necessidade de uma reflexão sobre a estrutura das instituições. Estas condições essenciais para os autores neoclássicos não foram atendidas ao longo da história, nem mesmo no quadro institucional mais favorável e eficiente. O mundo ocidental do Século XX proporciona abundantes evidências de mercados que funcionam

e até se aproximam do ideal neoclássico, só que eles são excepcionais e raros, e os requisitos institucionais são rigorosos (NORTH, 2018). O uso do dinheiro no mundo moderno faz com que os custos de transação se reduzam, facilitando a elaboração de contratos e reduzindo a quantidade de bens que precisam ser mantidos para fins de troca, porém, a característica de imperfeição do mercado continua fortemente presente (MÉNARD; SHIRLEY, 2005). O primeiro autor a teorizar sobre os custos de transação foi Ronald Coase em seu trabalho intitulado *A natureza da firma*, publicado em 1937. Coase buscava explicar o motivo pelo qual as firmas existiam, ou seja, porque era mais lucrativo os agentes organizarem a produção através de firmas, em vez de utilizar o sistema de mercado coordenado via preços. O autor concluiu que a principal razão para isso é a existência de custos para a utilização do mecanismo de preços do mercado. Além disso, a organização da produção via mercado exigiria a pesquisa de preços, a negociação e a confecção constante de contratos entre os indivíduos para a redução da incerteza. O tamanho das firmas seria limitado pelos custos de transação, pois, à medida que elas crescem, aumenta o custo para se organizar a produção dentro das organizações. A firma deixaria de crescer exatamente quando o custo de organizar a produção na firma se iguala ao custo de utilizar o mecanismo de preços (COASE, 1937).

Até a década de 1970, os custos de transação não tiveram muito espaço na teoria econômica. Neste período, entretanto, surgiu a Economia dos Custos de Transação, um ramo da Nova Economia Institucional que teve como principal expoente o autor Oliver Williamson. A Economia dos Custos de Transação descende da ideia de Coase, estando preocupada com (i) até que ponto os ativos envolvidos são específicos de uma transação, (ii) como mudanças no ambiente podem afetar a transação, e (iii) com que frequência as transações ocorrem. A presença de custos de transação implica o abandono dos pressupostos comportamentais neoclássicos por pressupostos contrários de racionalidade limitada dos agentes e busca da maximização da utilidade individual com comportamento oportunista (NORTH, 2010).

As teorias dos custos de transação começam com a suposição de que os contratos são incompletos e estão sujeitos ao oportunismo dos agentes, e que os custos de transação irão variar dependendo da natureza da transação e do modelo de administração vigente (MÉNARD; SHIRLEY, 2005). Segundo Coase:

A existência de custos de transação leva ao surgimento da empresa. Mas os efeitos são generalizados na economia. Os empresários, ao decidirem sobre suas formas de fazer negócios e sobre o que produzir, precisam levar em conta os custos de transação [...] [pois eles] afetam não apenas os acordos contratuais, mas também quais bens e serviços são produzidos (MÉNARD; SHIRLEY, 2005, p. 35, tradução nossa).

As instituições afetam o desempenho da economia mediante o seu efeito sobre os custos de transação e produção (NORTH, 2018). Logo, através da combinação da observação do comportamento humano nas trocas e dos custos de transação, atribuímos às instituições o papel de estruturar as relações humanas e reduzir as incertezas no ambiente. As instituições criadas no passado impactam o presente e o futuro, e suas transformações afetam tanto a tomada de decisão dos agentes quanto a natureza da dependência da trajetória (NORTH, 2018). O quadro institucional irá direcionar a obtenção de conhecimentos e aptidões e esse direcionamento será o fator decisivo do desenvolvimento de longo prazo da sociedade. A maneira segundo a qual o conhecimento se desenvolve influencia as percepções das pessoas acerca do mundo ao seu redor, o que influencia os custos de transação (NORTH, 2018).

Gala (2003) enfatiza a enorme influência e dimensão assumida na sociedade pelas instituições não apenas formais, mas principalmente informais. Estas instituições possuem a capacidade de promover mudanças sociais e econômicas profundas sendo agentes que moldam como os indivíduos vivem o cotidiano. North (1993) aponta que as alterações nos preços relativos e nas preferências dos agentes alteram os incentivos nas interações humanas e são as duas principais fontes de mudança institucional. Normas e convenções sociais mudam a partir do aprendizado acumulado, de eventos acidentais e de uma 'seleção natural' entre as diferentes instituições informais existentes em uma cultura. Assim, ao longo do tempo as instituições ineficientes seriam eliminadas e as eficientes sobreviveriam, gradualmente evoluindo as formas de organização econômica, política e social em direção ao crescimento econômico.

Se as instituições existissem em um contexto de custos de transação zero, a história não importaria, pois, uma mudança nos preços relativos ou nas preferências suscitaria uma imediata reestruturação das instituições para voltarem a ser eficientes. Em um mundo em que não existissem rendimentos crescentes associados às instituições e

os mercados fossem competitivos, as instituições também não seriam pertinentes (NORTH, 2018). No entanto, em nosso mundo com rendimentos crescentes e custos de transação, as instituições são essenciais para a economia.

O postulado da racionalidade plena dos neoclássicos surgiu no contexto das economias altamente desenvolvidas do mundo ocidental, cujos mercados são caracterizados por terem, excepcionalmente, custos de transação baixos ou ínfimos. Já o postulado da racionalidade limitada não somente pode dar conta dos mercados incompletos que caracterizam grande parte do mundo atual, mas também remete sobre o que exatamente torna os mercados deficientes (NORTH, 2018). Os agentes normalmente agem com informações incompletas e com modelos subjetivamente criados que são, na maioria das vezes, errôneos; o *feedback* da informação é tipicamente insuficiente para corrigir esses modelos subjetivos. Neste contexto, ideias e ideologias desempenham um papel importante nas escolhas e os custos de transação resultam em mercados imperfeitos. Em um mundo de custo de transação zero, a força de barganha não afeta a eficiência dos resultados; mas em um mundo de custos de transação positivos, ela molda a direção da mudança econômica de longo prazo (NORTH, 1973).

A teoria de custos de transação fez surgir uma série de termos designados a esclarecer os custos associados com a interação humana na economia. Os principais são os custos de informação, custos de agenciamento, custos de romper contratos e de oportunismo. Nas relações do tipo dirigente-agente existem custos em medir a performance dos agentes e também existe a ineficiência que resulta de mensurações incorretas. Contratos de longo prazo que envolvem muitas incógnitas com respeito a futuros preços relativos fazem surgir incerteza na transação. Para a Economia dos Custos de Transação, investimentos específicos para determinado contrato são frequentemente sujeitos a uma aplicação imperfeita e a um comportamento oportunista (NORTH, 1982). Os custos de medir as múltiplas dimensões dos bens ou serviços trocados e os custos de cumprimento dos contratos determinam os custos da transação em si (NORTH, 1973).

O regime político determina e controla os direitos de propriedade da economia, e as características do ambiente político são o fator essencial para a compreensão das deficiências dos mercados. As regras formais e restrições informais existentes na sociedade possuem uma extensa influência sobre a estrutura institucional. As restrições

informais, que provêm da transmissão cultural de valores e da aplicação de regras formais para resolver determinados problemas relativos à troca, baixam o custo de transacionar e possibilitam trocas complexas e produtivas. Mudanças fundamentais nos preços relativos que ocorrem na economia irão gradualmente alterar normas e ideologias e, quanto menores forem os custos das informações, mais rápidas serão as alterações (MÉNARD; SHIRLEY, 2005). Neste ambiente de trocas, por meio do aprendizado, os agentes econômicos irão buscar reduzir a incerteza ou transformá-la em risco. O acúmulo deste aprendizado pela sociedade em linguagem, crenças, mitos e maneiras de realizar tarefas determinará não apenas a performance da sociedade, mas influenciará nas escolhas dos agentes, contribuindo para como a mudança institucional irá ocorrer ao longo do tempo. É necessário compreender como ocorre e quais são as implicações do processo das transformações nas instituições, por isso, a próxima sessão descreverá a mudança institucional e sua ocorrência no processo histórico.

2.3 A MUDANÇA INSTITUCIONAL NO PROCESSO HISTÓRICO

A trajetória da mudança institucional é configurada por rendimentos crescentes e por mercados deficientes, que têm como propriedade os significativos custos de transação. Para entender a mudança econômica e a consequente performance das economias, não é suficiente compreender apenas as normas, hábitos ou costumes, é necessário um entendimento sobre as convicções dos agentes e como eles chegam a essas crenças. A variável tempo é fundamental para esta interpretação, pois é a dimensão na qual os seres humanos aprendem e desenvolvem suas crenças (MÉNARD; SHIRLEY, 2005). Como as interações humanas ocorrem em um contexto de incerteza, conclui-se que:

A evolução humana ao longo dos anos está guiada pelas percepções dos agentes, sendo que as escolhas destes são feitas de acordo com estas percepções, com a intenção de produzir um resultado que reduza a incerteza das organizações presentes na sociedade. A mudança institucional, então, é um processo deliberado moldado pela percepção dos atores sobre as consequências de seus atos (MÉNARD; SHIRLEY, 2005, p. 21, tradução nossa).

Existe, neste contexto, um ciclo de mudança institucional que consiste em um processo estruturado da seguinte maneira: a partir de suas percepções, indivíduos criam crenças compartilhadas coletivamente que orientam a formação da matriz institucional, que, por sua vez, influencia as percepções dos indivíduos sobre a realidade (NORTH, 2018). Segundo Ménard e Shirley (2005), o processo pode ser descrito em 5 proposições:

- a) a interação contínua entre instituições e organizações em uma economia de escassez e com competição é a chave para a mudança institucional;
- b) a competição força as organizações a continuar a investir em novos conhecimentos e habilidades para sobreviver. Isto irá moldar as percepções dos indivíduos acerca das escolhas, fazendo com que as instituições se alterem de maneira incremental;
- c) a estrutura institucional fornece a base de incentivos que dita os tipos de conhecimentos e habilidades vistos pelos agentes como de maior *pay-off*;
- d) a percepção dos agentes deriva de suas experiências anteriores;
- e) as economias de escopo, complementaridades e as externalidades de uma matriz institucional fazem com que a mudança institucional seja incremental e dependente da trajetória.

A mudança tecnológica e a mudança institucional são as chaves elementares da evolução socioeconômica e ambas apresentam as características de dependência da trajetória. A análise do modo como as instituições evoluem é fundamental para o melhor entendimento da trajetória econômica de diferentes países ao longo do tempo, pois "as escolhas de hoje e de amanhã são moldadas pelo passado, e o passado só pode se tornar inteligível como um caso de evolução institucional" (NORTH, 2018, p. 9).

Autor pertencente à Nova Economia Institucional, Douglass North desenvolveu uma série de trabalhos procurando entender o papel das instituições na evolução das sociedades, tendo como base de sua proposta o caso de sucesso das economias do Ocidente, principalmente da Europa Ocidental e dos Estados Unidos. Estas, segundo o autor, conseguiram desenvolver instituições capazes de atingir o almejado crescimento econômico de longo prazo. Para Gala (2003), a chave do problema econômico não está

no avanço tecnológico ou na acumulação de capital, mas sim nas regras ou arranjos institucionais da sociedade que estão em constante evolução. As instituições são o filtro entre os indivíduos e as organizações e entre estas e a performance da economia, logo, impactam enormemente na sociedade, determinando a produção do mercado e a distribuição da renda (NORTH, 1982). A mudança institucional molda a maneira pela qual as sociedades evoluem no decorrer do tempo e por isso é a chave para a compreensão das transformações observadas ao longo da história (GALA, 2003).

O processo de mudança institucional tem o objetivo de alterar a trajetória da performance econômica para determinada direção e o conjunto destas modificações altera continuamente a maneira como a economia funciona (MÉNARD; SHIRLEY, 2005). O encadeamento da mudança institucional ocorre da seguinte forma: uma alteração nos preços relativos leva uma ou ambas as partes de uma troca a perceber que poderiam se dar melhor com uma alteração de contrato; haverá, então, uma tentativa de renegociar o contrato, o que pode não ser possível por conta da hierarquia de regras na qual ele está inserido, sendo necessário que haja uma mudança incremental no conjunto de normas em questão. Estas tentativas de modificar contratos podem ocorrer tanto no âmbito político, como no econômico, por conta do poder de barganha de uma das partes ter se alterado (NORTH, 2018). Um exemplo desta situação são as grandes empresas da alta-costura¹ e do varejo de moda mundiais, que possuem um poder de barganha suficiente para que se realizem mudanças em contratos ou normas formais, em nome da adequação e permanência das mesmas no mercado.

As organizações e seus empreendedores empenham-se em atividades com determinados fins e, no decorrer de seu funcionamento, são os agentes que conduzem à mudança institucional. Ao longo do tempo, os conhecimentos e aptidões adquiridos pelas organizações para promover seus objetivos desempenham um papel importante no modo pelo qual o acúmulo de conhecimento - puro ou aplicado - evolui e é empregado na sociedade (NORTH, 2018). A taxa de aprendizado dos agentes determina a velocidade da mudança econômica, o tipo de aprendizado determina a direção da mudança, e é uma função das recompensas esperadas de diferentes tipos de

¹ Ramo da moda especializado na confecção de peças de vestuário sob medida para a alta sociedade (AUDACES, 2019).

conhecimento refletindo, portanto, os modelos mentais dos jogadores (NORTH, 1993). No decorrer do século XX, a acumulação de estoque de conhecimento revolucionou as instituições políticas e econômicas do mundo, fazendo com que houvesse ganhos de especialização que resultaram nos níveis de vida discrepantes observados no mundo ocidental do final do período. Isto impactou enormemente na indústria da moda a nível mundial e fez com que alguns países, principalmente os localizados no sudeste asiático, se tornassem os produtores da grande maioria dos produtos têxteis do mundo, por representarem menores custos de produção para as grandes empresas localizadas no ocidente desenvolvido (NORTH, 1982).

A mudança nas instituições está constantemente ocorrendo e seu tamanho depende do grau de competição entre as organizações (MÉNARD; SHIRLEY, 2005). Segundo North (2018), as alterações fundamentais nos preços relativos são a fonte mais importante dessa mudança, pois modificam os incentivos dos indivíduos em interação no mercado. Ao longo do tempo, estas mudanças fundamentais nos preços relativos irão alterar o padrão de comportamento dos indivíduos e sua percepção sobre as normas da sociedade. O autor utiliza como exemplo a mudança na estrutura da família durante o século XX, que foi fundamentalmente moldada por alterações nos preços relativos do trabalho, do lazer e dos métodos anticoncepcionais. Acrescenta que esta transformação foi acompanhada por uma mudança nas posições ideológicas quanto a questões morais e ao papel da mulher na sociedade - principalmente no período da Primeira Guerra Mundial, onde estas passaram a trabalhar nas indústrias manufatureiras.

A performance de uma economia é um misto de regras formais, restrições informais e da execução de suas características. A modificação apenas das regras formais será efetiva apenas se as restrições informais que são complementares àquelas regras mudarem também (MÉNARD; SHIRLEY, 2005). Assim como as regras formais de uma sociedade se alteram, as restrições informais também se modificam, porém de maneira predominantemente incremental, sendo que uma das funções mais relevantes destas últimas é justamente modificar, suplementar ou ampliar as primeiras (NORTH, 2018). A mudança é tipicamente incremental, refletindo percepções dos empreendedores das organizações no contexto de uma matriz institucional que é caracterizada por externalidades de rede, complementaridades e economias de escopo entre as

organizações existentes. Além disso, uma vez que as organizações devem sua existência à matriz institucional, elas serão um grupo de interesse permanente para assegurar a perpetuação dessa estrutura institucional - assegurando, assim, a dependência da trajetória (NORTH, 1993). Entretanto, alguns acontecimentos são fontes de mudança descontínua das instituições, alterando de maneira radical um agrupamento de regras formais. Isto ocorre, basicamente quando surgem organizações com diferentes interesses e o conflito fundamental entre as entidades sobre a mudança institucional não pode ser mediado dentro da estrutura existente. Alterações na trajetória decorrem de consequências imprevistas das escolhas, de efeitos externos e por vezes de forças exógenas. Reversões de trajetórias (da estagnação para o crescimento ou vice-versa) podem decorrer das fontes comuns de alteração da trajetória, mas normalmente irão ocorrer por meio de mudanças no regime político. Exemplos destes acontecimentos são as guerras, revoluções, conquistas e catástrofes naturais, que impactam de maneira abrupta o funcionamento da sociedade (NORTH, 2018).

As consequências das mudanças militares, demográficas e econômicas ocorridas no século XX para a mudança institucional foram profundas. O crescimento e desenvolvimento do período foram gerados a partir de incentivos institucionais para a modificação de padrões produtivos, de acordo com o objetivo final de cada economia. A evolução das cidades e a expansão do comércio nacional e internacional foram possíveis graças a um número de inovações institucionais e organizacionais. Já o decréscimo de alguns sistemas econômicos foi resultado de desincentivos à atividade produtiva por consequência de políticas de controle centralizado da economia e por poder de monopólio existente em determinados setores (NORTH, 1993). Aqui, entra o conceito de eficiência adaptativa defendido por Douglass North. Segundo Wallis (2010), North defendia que um padrão de mudança institucional ao longo do tempo requer certa persistência e que as modificações irão ocorrer de acordo com a hipótese de eficiência adaptativa, que deriva de princípios evolucionários e seus componentes consistem das seguintes ideias:

- a) os indivíduos agem por interesse próprio;
- b) os indivíduos cometem erros;
- c) os indivíduos aprendem e adaptam-se;
- d) a concorrência gera adaptação e inovação;
- e) a seleção natural forma o mercado;
- f) a evolução determina as dinâmicas dos mercados.

Em grande parte, a história das sociedades se resume na evolução de suas matrizes institucionais e suas decorrentes consequências econômicas, políticas e sociais (NORTH, 2018). O processo de mudança nunca acaba e, ao mesmo tempo em que a sociedade se transforma pela mudança em suas instituições, a moda também está em constante evolução, servindo como um meio de expressão e identificação para os seres que convivem em uma sociedade.

No próximo capítulo, será realizada a exposição dos acontecimentos da primeira metade do século XX e das transformações inerentes a este período da história, relacionando-as à teoria apresentada anteriormente. Isso será feito em busca de demonstrar uma relação de causalidade entre a história e as tendências observadas em determinadas décadas do século, provando que a moda e a economia estão altamente vinculadas por um processo de mudança institucional.

3 A MODA NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX

Ao longo dos séculos, inúmeros acontecimentos levaram à evolução do mundo da moda, revelando a vasta relação existente entre a história da vida em sociedade e a maneira de se vestir e se comportar. A moda é símbolo da sociedade e, ao longo das décadas, vem sendo influenciada por mudanças históricas, sociais, políticas, econômicas, psicológicas e, mais recentemente, tecnológicas (OKONKWO, 2007). Em associação à teoria econômica das instituições, dois aspectos se destacam como características a serem observadas na moda: a dependência da trajetória observada no processo evolutivo do setor e a importância das instituições para moldarem a sociedade, influenciando o comportamento dos indivíduos e, conseqüentemente, as tendências a serem adotadas em cada período. Neste capítulo, será realizada uma decomposição da história do século XX, a fim de levantar os principais fatores - expressos por crises, guerras e conflitos diplomáticos - que influíram nas normas e costumes, modificando a sociedade e impactando na indústria da moda deste período. Em outras palavras, observaremos a evolução das tendências da moda pela transformação decorrente dos principais momentos críticos do século XX.

Iniciando a análise com o final do século XIX, é possível constatar a sofisticação de uma época que ficou conhecida como Belle Époque, um longo período de paz, crescimento econômico e avanço científico no continente europeu (FOGG, 2013). Nessa época, a Europa regia boa parte das movimentações econômicas, as cidades floresciam e a indústria tomava sua forma com grande velocidade de expansão e produção. A aristocracia e a burguesia zelavam por defender seus interesses e privilégios adquiridos ao longo dos anos, prezando o luxo e a extravagância dos membros das classes altas. Desta forma, a alta-costura proporcionou riqueza de detalhes em seu processo artesanal de confecção de tecidos nobres e raros, com acabamento perfeito e sob medida, acarretando em um efeito diferenciação de consumo destes bens¹ (MOUTINHO; VALENÇA, 2000). As atividades da elite franco-inglesa inspiraram novos trajes para o lazer e vestidos de gala que eram desejados pelas consumidoras das camadas mais

¹ O efeito diferenciação de consumo é definido pela microeconomia como o desejo de possuir bens exclusivos ou raros. A quantidade demandada por alguns consumidores será maior quanto menor o número de pessoas que possuam o bem em questão (MANKIW, 2013).

baixas da sociedade. "Trens, carros e ônibus tornaram possível viagens de um dia, e uma nova moda foi incorporada às atividades fora do trabalho (FOGG, 2013, p. 196)". Nos anos 1900, com os países se tornando cada vez mais industrializados, surgiram os primeiros estilistas, ditando a moda e revolucionando a silhueta feminina. A busca da cintura fina, alcançável até então por meio do espartilho, suscitou preocupações sobre a saúde das mulheres, fazendo com que o elemento fosse abolido da vestimenta diária das mesmas no final do século. Paul Poiret, o primeiro estilista do mundo, desenhou roupas para que o ato de vestir não necessitasse de ajuda e pudesse ser feito em menos tempo pelas mulheres (FOGG, 2013). Na virada do século XX, com o fim da era vitoriana, a moda feminina entra em uma nova fase, com ênfase maior no conforto e na praticidade. Muitas mulheres nos Estados Unidos defenderam o uso da saia simples e da blusa abotoada na frente, na tentativa de adotar uma forma de vestir mais racional e com maior liberdade de movimento (LIPOVETSKY, 2006).

Figura 1 - Vestimenta feminina na Belle Époque



Fonte: Ives (c2012)

Na primeira metade do século XX, segundo Okonkwo (2007), a moda era vista como um aspecto banal e pouco crucial para o desenvolvimento econômico da sociedade, principalmente devido ao crescimento acelerado da industrialização e do comércio mundial. Esta noção mudou ao longo dos anos através da influência da França

e, mais tarde, da Itália, que colocaram esta indústria no mesmo patamar de outras formas de arte, como a literatura e o teatro. As economias dos Estados Unidos e de parte da Europa foram transformadas pela manufatura e venda no varejo dos produtos que surgiram graças ao progresso e à inventividade industriais. Esse fenômeno de massa gerou novas formas de gastar e consumir e, juntamente com a invenção do automóvel, modificou o guarda-roupa da mulher moderna (FOGG, 2013). A influência dessa moda repercutiu em peças como as de alfaiataria popularizadas por Gabrielle Chanel, que possuíam um rigor estético e influências masculinas, ao mesmo passo que transmitiam praticidade e elegância (MOUTINHO; VALENÇA, 2000). Chanel desenvolveu um vestuário para o novo estilo de vida que estava sendo adotado, envolvendo mais atividades físicas e menos limitações sociais do que no século anterior (CRANE, 2011).

Segundo Lipovetsky (2006), a moda moderna, da metade do século XIX até a década de 1960, se organizou não apenas em torno da alta-costura, mas também da confecção industrial, estabelecendo um sistema estruturado tanto sobre a produção sob medida como sobre a produção de massa, em série e barata. As novidades, porém, continuaram a surgir da alta-costura, instituição mais significativa da moda até os anos 1960 e que ditava as tendências a serem seguidas em cada estação.

Em 1900, Paris possuía 20 casas de alta-costura, representando o segundo maior volume de exportações da França na década de 1920. O período viu o nascimento de uma indústria em grande escala e a ascensão de uma nova classe dirigente ao poder: a alta burguesia, que desejava ser notada. Para Lipovetsky (2006), a partir da década de 1920, a alta-costura teria contribuído para a democratização da moda através da simplificação do vestuário feminino, tornando a moda mais acessível ao facilitar sua imitação.

Entretanto, a supressão do luxo nos trajes não eliminou o caráter distintivo da moda, apenas foi substituído por novos signos mais sutis, especialmente os tecidos e cortes, que promoviam outros pontos de referência mais pessoais, como juventude, magreza, sex appeal etc. (LIPOVETSKY, 2006, p. 76).

Esses desenvolvimentos representaram uma modificação significativa na evolução rumo a roupas práticas para o novo século, antecipando de certa forma, em seu liberalismo e praticidade, a futura emancipação tanto política quanto física da população

feminina, na qual a Primeira Guerra Mundial também iria desempenhar um papel extremamente significativo, como será discutido a seguir (FOGG, 2013).

3.1 A PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL E A GRANDE DEPRESSÃO

A Primeira Guerra Mundial ocorreu entre 1914 e 1918, envolvendo todas as grandes potências mundiais do período, inclusive os Estados Unidos, que entraram no conflito apenas em 1917. O esforço maciço gerado pela batalha culminou em inúmeras mudanças institucionais, alterando inclusive a moda e o comportamento de toda a sociedade (FOGG, 2013). O capitalismo liberal da Belle Époque transformou-se em um protecionismo comercial com restrições dos mais diversos tipos aos fluxos de bens, serviços, capitais e pessoas. O conflito impulsionou os direitos das mulheres, não por uma luta pela igualdade de gêneros, mas pela necessidade de preenchimento dos postos de trabalho deixados pela grande parcela de homens que partiram em decorrência do serviço militar. A mulher, que praticamente não possuía influência nas decisões sociais, adquiriu um avanço considerável em relação à sua independência, modificando, de acordo com isso, suas preferências de consumo. Com a inserção no mercado de trabalho e incumbida de tarefas operárias nas fábricas, já não era possível manter a vestimenta sofisticada e trabalhosa dos períodos anteriores (MENDES; HAYE, 2003). Ao mesmo tempo, a produção decaiu e a alta-costura entrou em um momento de estagnação, pois a extravagância do início do século deu lugar à simplicidade para amparar o novo estilo de vida das mulheres. Essa mudança social coincidiu com a necessidade de tornar a construção das roupas menos complexa por conta dos custos de mão de obra cada vez mais elevados, o que resultou na democratização da moda ao reduzir os preços de venda, refletindo, assim, a maior independência das mulheres (FRINGS, 2012).

Com o descarte do uso de espartilhos, as curvas da 'silhueta ampulheta' foram substituídas pela forma de 'tubo'. Bainhas subiram para facilitar o movimento. Não se queria, nem se tinha tempo, para roupas complicadas que exigissem horas de trabalho em sua construção e sua manutenção e exigiam auxílio nos atos de vestir e de despir. Juntou-se, ainda, a necessidade de reduzir custos devido à falta de mão de obra e de matéria-prima, o que cooperou para a simplificação das roupas, resultando no princípio da democratização da moda (FRINGS, 2012, p. 16).

Conforme a orientação teórica de autores como Wallis (2010), esta necessidade de simplificação das roupas demonstra a noção de eficiência adaptativa posta em prática na história da moda, pois ocorreram mudanças nas instituições para proporcionar certa consistência sob uma conjuntura econômica de incerteza e turbulência como a de uma guerra mundial.

No mundo ocidental, a campanha em prol do voto feminino ganhou força com a guerra, fazendo as mulheres contestarem seus direitos por conta de estarem trabalhando nas fábricas de munição e de produtos químicos. Em 1919 e 1920, Alemanha, Suécia, Polônia e Estados Unidos concederam o direito ao voto às suas cidadãs (BLAINEY, 2018). Ao mesmo tempo, surgia em Paris a marca Chanel, de Gabrielle Bonheur Chanel, uma revolucionária da moda cuja estética despojada e fácil de usar se adaptava às necessidades e aos desejos de mulheres com participação ativa no novo século. Durante a década de 1920, Chanel criou o vestido apelidado de “pretinho básico”, peça democrática cuja simplicidade e disponibilidade desafiaram as fronteiras de classe e riqueza. Ela também popularizou o terno de três peças e o uso de bijuterias, que foram copiadas e disponibilizadas por fabricantes no mercado de massa, tornando até antiquado o uso de joias de verdade. Com a maior eficácia dos métodos de produção em massa, o terno feminino e suas linhas simples tornaram-se fáceis de copiar e fabricar, o que fez do conjunto a primeira roupa de massa democrática. Essa facilidade de vestir liberava as mulheres dos serviços de uma criada para auxiliá-las, assim como os cortes de cabelo curtos em camadas tornaram menos necessários os serviços do cabeleireiro (FOGG, 2013).

Figura 2 - Vestido preto básico de Chanel



Fonte: Lee (c2010)

Não apenas a moda sofre transformações, mas também, e principalmente, os costumes da sociedade. Graças à produção de roupas mais simplificadas e ao refinamento da arte da autopromoção, os costureiros franceses conseguiram manter por mais uma década sua posição de árbitros da moda mundial. À medida que as tendências se aceleravam com a implementação de processos de produção mais rápidos e sofisticados, as revistas se tornaram fundamentais para a disseminação dos modelos a um público cada vez mais amplo (FOGG, 2013). Ao mesmo tempo, na Itália, a moda estava ressurgindo como um componente da sociedade, culminando no lançamento da marca Prada e mais tarde da Gucci. Em 1918, o fim da Primeira Guerra Mundial levou à dissolução dos antigos impérios europeus e ao domínio dos Estados Unidos na geopolítica mundial. No país, a moda se desenvolvia através do sistema de varejo e distribuição das lojas de departamento, o que a tornou mais visível e acessível para a classe média norteamericana em ascensão (OKONKWO, 2007).

As roupas de tons neutros ou escuros dominaram os anos de guerra e mostraram-se inteiramente adequadas ao período sombrio do conflito (MENDES; HAYE, 2003). Pela primeira vez, as revistas de moda reservaram páginas inteiras às roupas de luto, que eram usadas por um longo período. Em 1910, predominavam as roupas pretas e brancas com algumas cores, como violeta, rosa e azul safira. Da mesma forma, introduziram-se no campo militar as cores que facilitavam a camuflagem, como o verde e o cáqui. Em 1915, já apareciam referências militares nas coleções, posteriormente muito utilizadas nas ruas (MOUTINHO; VALENÇA, 2000).

O uso do preto se restringia inicialmente ao luto, mas Chanel fez dele a opção inteligente para o recém-criado "*happy hour*" do início da noite: eventos sociais particulares e casuais realizados entre as seis e as oito da noite e frequentados pela 'melindrosa', uma jovem caracterizada pelo espírito livre e pelo estilo de vida supostamente hedonista (FOGG, 2013, p. 225).

Em momentos de grandes revoluções sociais, geralmente ocorre uma evolução dos produtos, tanto pelo desenvolvimento tecnológico e de pesquisa, quanto pelas necessidades que se apresentam nesses momentos, o que aumenta a procura por meios alternativos. "As roupas da época da guerra demonstram com que força a moda reflete a situação econômica e política vigente, a atmosfera do momento" (LAVÉR, 2005, p. 252). As roupas, que até então não costumavam possuir bolsos, os adquiriram em função da funcionalidade e espaço para se carregar objetos em uma possível fuga. A sarja tornou-se uma alternativa à lã que era destinada aos uniformes militares. Cardigãs e tricôs eram usados por sua praticidade, além das botinas de salto alto, que forneciam uma maior proteção para os pés (MENDES; HAYE, 2003). A mudança mais expressiva, considerada até então revolucionária para a época, foi o encurtamento das saias e vestidos acima da canela. Este costume prevaleceu inclusive após o conflito, perdurando na década posterior, até mesmo com maior intensidade. A modificação no comportamento dos indivíduos e na sua percepção sobre as normas da sociedade é observada neste período, sendo uma característica típica de mudança institucional. Logo após a guerra, alguns historiadores afirmaram que a moda mais provocadora observada se explicava por poder impulsionar os índices de natalidade, compensando a perda da população decorrente do conflito (LURIE, 1997).

O período da guerra vivenciou a evolução e o desenvolvimento do comércio a longa distância, caracterizando uma nítida mudança na estrutura econômica vigente. Com o aumento da complexidade da comercialização, foram observados distintos problemas de custos de transação, que cresciam à medida que a extensão e o volume de comércio aumentavam. O principal problema consistia no cumprimento e execução contratual no estrangeiro, agora que os países tinham meios de comunicação e transporte mais evoluídos para comercializarem entre si. Para isso, foram criadas organizações e instrumentos para tornar possível efetuar transações e exercer o

comércio de longa distância, como pesos e medidas padronizados, unidades de contagem e meios de troca (ALMEIDA, 2001).

Com o fim da guerra, em 1918, evidenciaram-se as consequências de um conflito de proporções globais: ligações comerciais desfeitas, áreas de plantações devastadas, centenas de ferrovias e pontes avariadas e muitos navios cargueiros afundados. Os problemas eram visíveis no dia a dia da população, especialmente no Leste Europeu. A guerra enfraqueceu a Europa, ao contrário dos Estados Unidos, que foram o grande beneficiário financeiro, expandindo suas indústrias enquanto a Europa perdia sua influência. A euforia econômica americana gerou o *american way of life* e o centro das finanças, após as mudanças na geopolítica do pós-guerra, mudou-se de Londres para Nova Iorque. O Japão também se beneficiou com a guerra, tornando-se um líder mundial vindo da Ásia, algo nunca antes sucedido e que chamou a atenção do mundo para o potencial de desenvolvimento futuro do continente (BLAINEY, 2018).

As mudanças tecnológicas deste período da história também são muito importantes para o entendimento da evolução do setor da moda em escala mundial. A ascensão da indústria automobilística, originada no início do século, se fazia mais presente ainda após a Primeira Guerra Mundial. O sistema chamado de Fordismo, criado pelo americano Henry Ford, foi aperfeiçoado e adotado em diversas indústrias. Ele consiste em um sistema de produção em massa baseado na linha de produção, constituindo-se em linhas de montagem semiautomáticas, possibilitadas pelos pesados investimentos para o desenvolvimento de maquinários e instalações industriais. A linha de montagem - divisão de tarefas entre os empregados da fábrica - foi uma inovação quase tão importante quanto o próprio automóvel, pois permitia a racionalização do processo produtivo, a fabricação de baixo custo e a acumulação de capital (BLAINEY, 2018). O sistema produtivo fordista seria adotado posteriormente na indústria têxtil, revolucionando a maneira como as roupas eram produzidas e vendidas em todo o planeta.

A mudança social, artística e política ocorrida na Europa no pós-guerra, acelerou-se com o surgimento, em Paris, do estilo *art déco* (ou modernismo). Seus elementos decorativos vinham da arte africana e da simplicidade das xilogravuras japonesas, criando um estilo caracterizado por formas geométricas e em zigue-zague. Graças aos

novos sistemas de produção, as peças podiam ser confeccionadas em menos de uma hora a partir de moldes simples e a costura caseira floresceu. As barras das saias subiram para acima do joelho e como um sintoma das mudanças institucionais da sociedade, as mulheres, principalmente as britânicas e americanas, passaram também a adotar hábitos antes reservados apenas aos homens, como: fumar, dirigir carros velozes e até mesmo pilotar aviões. A era da velocidade exigia das mulheres um corpo aerodinâmico, e a silhueta feminina desejada passou a ser a melindrosa, andrógina e sem busto. Como no decorrer do funcionamento das organizações são os agentes que conduzem à mudança institucional, pela primeira vez na moda as mulheres começaram a desejar a magreza, fazendo com que surgissem diversos tipos de dietas e um número significativo de distúrbios alimentares, culminando em padrões estéticos adotados até a atualidade pela sociedade (FOGG, 2013).

Figura 3 - Uniforme feminino utilizado na Primeira Guerra Mundial



Fonte: Simon (c2009)

A euforia de estar em paz após a destruição da guerra provocou uma explosão da prática de esportes e um período de consumismo acelerado. O esporte era enfatizado por promover a saúde, e o período foi marcado pelo surgimento de clubes sociais dedicados a atividades comunitárias, como passeios de bicicleta coletivos. Essas atividades deram às mulheres a oportunidade de usar calças compridas, macacões ou shorts combinados com camisas, meias e sapatos. Foi através da prática do ciclismo que

surgiu a necessidade da utilização de óculos escuros, que transitou posteriormente para a vestimenta do dia a dia. Nos Estados Unidos e na Europa do entreguerras, homens e mulheres passaram a se preocupar cada vez mais com questões de saúde e esporte (FOGG, 2013).

Em 1925, surge a televisão, e o cinema é revolucionado com o aparecimento dos filmes falados, transformando, pela primeira vez, as atrizes em referências de estilo para a população. As expectativas eram muito positivas em relação ao futuro e o momento de euforia se refletia no modo de vestir e na vida cultural agitada da sociedade (BLAINEY, 2018). “Nos anos 1920 houve a criação da União Europeia que, ao abrandar as fronteiras nacionais, permitiu que o comércio e os investimentos corressem livremente por boa parte do continente, proporcionando prosperidade crescente” (BLAINEY, 2018, p. 102). Este otimismo fez com que a concessão de crédito à população crescesse exponencialmente, até chegar a um nível insustentável.

A Europa, no final da década de 1920, começou a se recuperar economicamente da guerra, fazendo com que as exportações americanas caíssem, gerando estoques e levando as empresas a demitirem funcionários. Em outubro de 1929 ocorreu, então, a queda da Bolsa de Valores de Nova Iorque, desencadeando uma reação em cadeia e gerando o período conhecido como a Grande Depressão, que deixou o mundo com problemas financeiros muito sérios (FRINGS, 2012). A maioria das pessoas parou de comprar produtos que não considerava essenciais, ocasionando demissões em massa e fazendo com que as famílias parassem de comprar novas roupas, diminuindo a demanda por matérias-primas (BLAINEY, 2018). A produção industrial caiu drasticamente, muitas empresas foram à falência e mais de um terço dos fabricantes de roupas parou de produzir. Na alta-costura, com o passar dos anos, os preços caíram pela metade e técnicas decorativas custosas, como o bordado, foram excluídas do processo de produção. O desemprego, assim como em outras áreas, comprometeu toda a cadeia industrial, deixando milhares de profissionais desempregados. As roupas, conseqüentemente, se tornaram mais escuras e pesadas para proteger do vento e da chuva, além dos sapatos, que se tornaram mais confortáveis para a procura por emprego ou para a espera nas filas de doação de mantimentos (LURIE, 1997; MENDES; HAYE, 2003). As exigências decorrentes da quebra da bolsa americana em 1929 incluíram uma

abordagem mais circunspecta e conservadora da moda, . Houve um ressurgimento das artes manuais após o culto à mecanização da década anterior, que ficou evidente na profusão de artigos tricotados personalizados (FOGG, 2013).

Neste período, como um meio de fuga da realidade de crise econômica, o cinema transformou-se no principal meio de entretenimento, inspirando a cultura popular. A notoriedade das estrelas de Hollywood e o seu estilo influenciaram enormemente o desenvolvimento da moda nos anos 1930, sendo o cinema do período marcado por muita sofisticação, em contraste com as dificuldades da vida real de crise econômica (OKONKWO, 2007). A simplificação das roupas, agora mais retas e de cintura menos marcada, permitiu que algumas mulheres aprendessem a costurar e conseguissem confeccionar suas próprias peças. Uma alternativa à alta-costura, mais em conta e acessível, começou a se materializar na forma de roupas prontas para o uso, chamadas de *ready to wear*². Os fabricantes da indústria nova-iorquina da moda refinaram suas capacidades técnicas e financeiras para melhorar o desenho de peças com preços moderados, e cópias das roupas promovidas pelos filmes, produzidas em massa, se tornaram rapidamente disponíveis nas lojas de departamento do país (FOGG, 2013).

Com a modificação dos interesses da sociedade, as atividades de trabalho, de esporte e de lazer, especialmente a dança, contribuíram para cada vez mais as roupas se adaptarem às novas necessidades. A década de 1930 foi o período em que as primeiras mulheres presidentes de grandes empresas de varejo assumiram o cargo. Na alta-costura, ou mesmo na moda mais sofisticada, os nomes femininos se sobrepuseram aos masculinos (FRINGS, 2012). A mulher, já emancipada, continuou a trabalhar, ganhar e consumir. A diversão voltou a fazer parte da vida das pessoas e uma das atividades mais populares neste período foi a dança, contribuindo para as mudanças da moda (COLE; DEIHL, 2015). "O funcionalismo tornou-se a palavra chave que dominou o aspecto dessa moda, sendo uma espécie de utilitarismo associado à simplicidade [...] permitindo uma liberdade total de movimentos" (COLE; DEIHL, 2015, p. 29). Além disso, nos anos 1930 surgiu o *nylon*, uma fibra artificial fabricada pela primeira vez por Wallace

² Nome dado à nova forma de produzir roupas em escala industrial, criada pelos estilistas americanos. Estas roupas possuíam qualidade, estilo e numeração variada de um mesmo modelo, à preços mais acessíveis que os da alta-costura. O conceito inspirou a criação, mais tarde, do *prêt-à-porter* na França, nos anos 1960 (FOGG, 2013).

Carothers no laboratório de pesquisas da empresa química *DuPont*. Aliado a outras fibras existentes, ela foi muito importante para os esforços posteriores de guerra, além de ter sido utilizada de diversas maneiras pela indústria têxtil. A década de 1930, que se iniciou com uma crise econômica, teve fim com a decorrência da Segunda Guerra Mundial, em 1939, um conflito que alteraria para sempre a geopolítica e as instituições econômicas do mundo moderno.

3.2 A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL E SEUS DESDOBRAMENTOS

Após uma década de crise, o início da Segunda Guerra Mundial piorou ainda mais a situação econômica do mundo. Em 1939, com a invasão da Polônia pela Alemanha nazista, iniciou-se o conflito que seria um dos grandes marcos do século XX, envolvendo a maioria das nações do mundo organizadas em duas alianças militares opostas: os Aliados e o Eixo (COLE; DEIHL, 2015). As principais forças dos Aliados eram Reino Unido, União Soviética e Estados Unidos, enquanto Alemanha, Japão e Itália formavam o Eixo. A guerra contou com mais de 100 milhões de militares e os principais envolvidos dedicaram toda sua capacidade econômica, industrial e científica ao conflito, deixando de distinguir entre recursos civis e militares. As nações participantes tiveram mudanças abruptas em suas regras formais, gerando mudança descontínua nas instituições e impactando na vida em sociedade. Todos os setores industriais foram afetados pelo confronto e durante os anos de guerra, a maioria dos países europeus enfrentava grandes privações. Na indústria têxtil, houve racionamento de tecidos e priorização dos pedidos de empresas que confeccionavam uniformes militares (BLAINEY, 2018). Tecidos especiais como a viscose e outras fibras artificiais foram desenvolvidos para aquecer a população e para serem utilizados em tarefas bélicas. Cores vibrantes, detalhes e acabamentos deixaram de ser utilizados pelos estilistas, sendo os tecidos disponibilizados para as fábricas apenas em cores escuras, como preto e caqui (COLE; DEIHL, 2015).

Com a eclosão da Segunda Guerra Mundial, Christian Dior fecha sua *maison*³ situada em Paris, algo que se tornou comum no período, principalmente após a ocupação da cidade pela Alemanha em 1940. O isolamento de Paris impactou na distribuição de ideias e no equilíbrio comercial do setor da moda francês, pois a cidade era o centro mundial da alta-costura. A Grã-Bretanha e os Estados Unidos passaram então a depender de talentos domésticos para sobreviver na indústria, necessitando de uma adaptação por parte dos profissionais da alta-costura. Os britânicos criaram um estilo nacional de vestimenta, que passou a ser considerado tradicional e incluiu ternos de alfaiataria e malhas clássicas. Nos Estados Unidos, o conflito foi uma oportunidade de formalizar a já crescente indústria do *ready to wear* - até apenas uma espécie de estepe para tempos difíceis - que produzia a moda esportiva característica dos estilistas americanos, fazendo com que os fabricantes se mobilizassem para fazer de Nova Iorque a nova capital mundial da moda (FOGG, 2013).

Os designers americanos se especializaram e se tornaram conhecidos principalmente por suas roupas esportivas, o que refletia o estilo de vida americano mais casual que acabaria por influenciar o resto do mundo, e também se adequavam muito bem à produção em massa (FRINGS, 2012, p. 21).

Mesmo com o surgimento de setores internos de criação, a maioria dos estilistas em atividade no período não conseguiu prosseguir e foi obrigada a encerrar seus negócios (FRINGS 2012). A escassez foi agravada com o andamento do conflito, “nos Estados Unidos houve racionamento de tecidos, pois a lã era usada para confeccionar uniformes e cobertores; a seda, para fazer paraquedas e imprimir mapas mais resistentes” (MOUTINHO; VALENÇA, 2000, p. 129). A austeridade gerada pelo conflito substituiu o desejo de inovação da moda pela necessidade de peças práticas, pois a maioria das mulheres europeias e americanas aptas fora convocada para contribuir no esforço de guerra. Assim, os uniformes militares se tornaram comuns nas ruas, trazendo severidade e funcionalidade ao corte das peças.

³ Substantivo feminino do idioma francês. A palavra é usada para descrever estabelecimentos comerciais de prestígio, como as lojas do ramo da alta-costura (AUDACES, 2019).

Figura 4 - Mulheres trabalhando na indústria durante a Segunda Guerra Mundial



Fonte: Kimble (c2018)

Em 1941, o Japão interrompe o fornecimento de seda para os Estados Unidos, devido aos países serem adversários de guerra. Em 1942, a Câmara Britânica promulga uma Ordem Relativa aos Trajes Cíveis para poupar matéria-prima e mão de obra e aumentar a produção industrial. Neste mesmo ano, nos Estados Unidos, o Comitê de Produção de Guerra também impôs restrições para regulamentar os vários aspectos da fabricação de roupas. Acabamentos decorativos e pregas foram proibidos e o paletó não podia ter mais de três botões. Os bolsos passaram a ser fabricados de maneira a priorizar o armazenamento de mantimentos, e a fabricação de zíperes de metal foi altamente restrita pois o material era destinado para a confecção de itens para a guerra. Os corantes para tingir tecidos também foram redirecionados para a fabricação de peças para os soldados, fazendo com que os trajes cíveis fossem fabricados com o resto dos tecidos nas cores militares como o azul-marinho e o cáqui. A ideia da reciclagem e do reuso de tecidos foi promovida entre os costureiros, que reagiram ao desafio retrabalhando materiais comuns para criarem peças de alta-costura (FOGG, 2013).

Até mesmo os uniformes, com sua relevante contribuição para a construção e estética do vestuário ao longo da história, estavam sujeitos à moda. O uniforme feminino da Marinha americana na Segunda Guerra tinha um corte elegante, com o objetivo de atrair novas recrutas ao serviço militar (WILSON, 1985). A estética utilizada no período devia-se às restrições dos tempos de guerra e à demanda por mais seriedade, pois estar bem-vestido diante da adversidade era um incentivo moral e praticamente um dever cívico. O terno feminino possibilitava uma abordagem profissional da moda em

uma época em que utilidade e praticidade eram as palavras de ordem do governo (FOGG, 2013).

Segundo Veillon (2014), os momentos críticos da história, em sua maioria, afetam a estruturação da indústria da moda. Na Segunda Guerra Mundial, as técnicas artesanais voltaram a ser valorizadas, assim como o trabalho manual que, de certo modo, em conjunto, impulsionaram a criatividade e fizeram com que houvesse a busca por alternativas para as condições impostas. As tendências da moda mantiveram-se relativamente estáveis durante o período de guerra, sendo uma delas o terno feminino, popularizado pela estilista Coco Chanel, que teve inspiração nos uniformes militares e trazia uma silhueta masculina para as mulheres. O suéter foi uma peça que se mostrou realmente necessária durante o conflito, pois praticamente não havia aquecimento nos espaços públicos devido a falta de energia (VEILLON, 2004). Nos anos que sucederam à guerra, as roupas funcionais passaram a ser uma necessidade, uma vez que as mulheres usavam uniformes ou roupas de trabalho (FRINGS, 2012). Os turbantes, chapéus e lenços foram altamente difundidos, sendo seu uso de extrema importância, uma vez que a mulher trabalhava na indústria e precisava prender os cabelos por motivos de segurança. As bolsas se tornaram, também, um acessório muito utilizado, pois serviam para o armazenamento preventivo de comida nos períodos de escassez (COLE; DEIHL, 2015).

O grande bombardeio ocorrido em 1945 em Hiroshima e, posteriormente, em Nagasaki, no Japão, foi um dos momentos mais marcantes da história e simbolizou o início de uma guerra nuclear entre as grandes potências mundiais. As bombas atômicas deram fim à Segunda Guerra Mundial e se tornaram significativas por sua capacidade potencial de destruição (BLAINEY, 2018). Mesmo após o fim da guerra, a comida continuou escassa na Europa, enfraquecendo as principais potências do continente e fazendo com que os novos líderes mundiais fossem os Estados Unidos e a União Soviética (GILBERT, 2017). Com o fim do conflito, o mercado americano de *ready to wear* de luxo nacional começou a ocupar o lugar da alta-costura europeia (FOGG, 2013). A Itália passou por uma reorganização industrial com ajuda financeira dos Estados Unidos, administrada pelo Plano Marshall. Essa tentativa de promover o comércio no pós-guerra garantiu às indústrias têxteis do país, com sua longa tradição artesanal, o acesso a

capitais e matérias-primas, permitindo que as pequenas empresas familiares - importante elemento do setor industrial italiano - continuassem se expandindo. Este período precedeu o momento em que Florença, e depois Milão, tornaram-se capitais da moda junto com Paris, Nova Iorque e Londres (FOGG, 2013). O renascimento das indústrias da moda e têxtil dentre os destroços das cidades europeias no pós-guerra contribuiu para a volta da prosperidade. Nos quinze anos posteriores à Segunda Guerra Mundial, surgiram inúmeras invenções, tendências e produtos (GILBERT, 2017). Em 1946, Christian Dior reabriu sua *maison* em Paris e, no ano seguinte, apresentou sua nova coleção que reinventava a silhueta feminina em reação ao estilo adotado no período de guerra. A coleção foi denominada de linha *Corolle*, mais conhecida por seu apelido New Look, e celebrou o retorno da figura da ampulheta em contraste com a silhueta masculina de roupas inspiradas em uniformes. Em poucas temporadas, o estilista se tornou conhecido no mundo todo, sendo um dos maiores nomes da história da moda até o momento (BAILEY, 2018). O lançamento do New Look foi um dos momentos definidores da moda e consolidou a influência de Paris e do sistema de alta-costura, e apesar da coleção ser predominantemente elitista, influenciou a população em geral por ser símbolo da prosperidade de um futuro melhor. Contrastando com a estrutura das roupas com espartilho do New Look de Christian Dior, também surgiu o conceito de "peças avulsas", que acompanhavam os contornos naturais do corpo e eram adequadas à vida de mulheres modernas, sendo um guarda-roupa enxuto composto por peças que podiam ser combinadas entre si de diversas maneiras conforme clima e ocasião (FOGG, 2013).

Com o fim da guerra, a Europa se restabeleceu aos poucos. Em 1946, o racionamento nos Estados Unidos chega ao final, resultando numa grande produção de tênis com a borracha novamente disponível para as solas. Já, em 1949, termina o racionamento na Grã-Bretanha, fazendo com que a indústria têxtil volte a produzir de acordo com as inovações geradas durante o conflito. As indústrias buscavam novos mercados e as pessoas estavam se acostumando com a volta da variedade de ofertas de consumo (COLE; DEIHL, 2015). A alta-costura se reergueu, pois as festas voltaram a ser importantes encontros sociais. As mulheres, neste momento, tinham uma vida quase independente, estavam aumentando sua participação no mercado de trabalho e perto de descobrir a pílula anticoncepcional, o que causou uma mudança em seus hábitos e,

consequentemente, transformou a maneira como elas se vestiam. As bijuterias atingiram o auge da popularidade naquela década depois que os metais comuns tornaram-se novamente disponíveis para utilização como matéria-prima (FOGG, 2013).

Ao final da década de 1940, os Estados Unidos estavam vivendo um momento de prosperidade e confiança, já que haviam se transformado em fiadores econômicos e políticos do mundo ocidental após a guerra. Isso fez com que alguns jovens buscassem sua identidade através do consumo e um mercado separado começou a atender especificamente os números crescentes de adolescentes que estavam começando a definir seu próprio look (FOGG, 2013). Surgiu assim o estilo *preppy*⁴, uma aparência cuidadosamente construída que estabeleceu a identidade de uma nova geração de indivíduos conscientes do estilo, conservando seu espírito de juventude. "Tais roupas, uma vez coordenadas, criavam um 'uniforme' para aqueles jovens que reforçava sua sensação de identidade e integração, unindo-os em suas ideologias" (FOGG, 2013, p. 308). O estilo *preppy* é característico dos trabalhos de *Ralph Lauren* (1939) e *Tommy Hilfiger* (1951) e é celebrado como uma das grandes contribuições dos Estados Unidos para a moda global, definindo o estilo visto como tipicamente americano. Outro estilo popular neste período foi o *Ivy League*⁵, característico por sua precisão e atenção aos detalhes, sendo utilizado principalmente por atletas universitários americanos cuja posição social estimulava o uso de trajes esportivos como forma de expressão. Segundo Fogg (2013), a maioria destes estudantes buscava aprovação social com sua vestimenta e era o que o economista e escritor Thorstein Veblen⁶ denominou 'classe ociosa', definida como "[...] estilo de vida de uma existência aquém da manutenção, ou aquisição, de status social pela competição (VEBLEN, 1965, p. 46)".

⁴ Termo que se refere originalmente aos estudantes de colégios preparatórios dos Estados Unidos e frequentadores de prestigiadas universidades da região nordeste do país (FOGG, 2013).

⁵ Termo utilizado para referir-se a uma conferência americana envolvendo equipes esportivas de oito universidades privadas de elite dos Estados Unidos, que se tornaram um grupo de identificação para além do contexto esportivo (FOGG, 2013).

⁶ Apesar de Veblen ter dedicado à moda-vestuário apenas um capítulo de seu livro *A Teoria da Classe Ociosa*, de 1965, suas ideias influenciaram enormemente toda a produção intelectual posterior sobre moda, até a atualidade (VEBLEN, 1965).

Figura 5 - Vestimenta *Ivy League*

Fonte: Juaréz (c2018)

Como visto anteriormente, dentre as mudanças sociais causadas pela Segunda Guerra Mundial está o reingresso das mulheres na força de trabalho. Porém, com o fim do conflito, o governo passou a defender que a mulher voltasse ao seu papel de dona de casa, principalmente com o objetivo de não privar os soldados que retornavam da guerra de voltarem a seus antigos empregos. "A crença predominante nos Estados Unidos era de que a estabilidade social, moral e econômica dependia do retorno dos homens ao seu papel de chefes de família" (FOGG, 2013, p. 326). Isto resultou na glorificação da imagem da dona de casa da década de 1950, vista como uma mulher feminina e disciplinada, sendo visada por políticas governamentais, pela indústria da moda e pelos publicitários. A moda desempenhou um papel importante nesse processo, restaurando a ideia do vestido feminino tradicional e impondo estilos diferentes para cada função social e doméstica existente.

Figura 6 - Vestimenta feminina na década de 1950



Fonte: Mia (c2017)

Em 1951, a televisão transcontinental é lançada nos Estados Unidos, aumentando ainda mais a influência da propaganda sobre a população, tendo um papel essencial na subjugação das mulheres a papéis decorativos. Os costureiros e os estilistas também desejavam reforçar os padrões e manter todas as mulheres sob o domínio da moda, e por isso lançaram linhas licenciadas de maquiagem e perfumes. Dentro do grande número de perfumes lançados nos anos 50, muitos constituem ainda hoje os principais produtos de venda de algumas *maisons*, cuja sobrevivência muitas vezes é assegurada por eles (FOGG, 2013). Além disso,

A estilista americana Anne Fogarty (1919-1980) escreveu *The Art of Being a Well Dressed Wife* (1959) para desmistificar o processo de se vestir para cada tarefa diária. Ela defendeu que o "vestuário da esposa" deva ser administrado como um exercício militar, pois contribuía para um casamento feliz (FOGG, 2013, p. 327)

Vários aparelhos eletrodomésticos foram criados nesse período para auxiliar as mulheres em suas tarefas domésticas, como o aspirador de pó e a máquina de lavar roupas. Assim como a transformação da imagem da mulher em dona de casa, outras características que marcaram os anos 1950 foram o luxo, a sofisticação e o glamour. A França, nesse período, enfrentou a concorrência no mercado da moda da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos, que agora possuíam suas próprias indústrias e seu próprio estilo de confecção (COLE; DEIHL, 2015). O final dos anos 1940 e início dos anos 1950 também foi marcado por um aumento exponencial no número de nascimentos, que ficou conhecido como o baby boom do pós-guerra, sendo estes os adolescentes

revolucionários dos anos 1960 e 1970, que estudaremos no próximo capítulo (FRINGS, 2012).

A Guerra do Vietnã, iniciada nos anos 1950, em associação à Guerra Fria, trouxe um novo comportamento à moda na década seguinte. A estampa camuflada e os coturnos eram usados nas ruas com inspiração nos uniformes militares, mas também como um modo de manifestação contra o conflito (BRAGA, 2005). A economia internacional ingressou numa fase de expansão nas décadas seguintes à Segunda Guerra, com o aumento do comércio e dos investimentos diretos ultrapassando o ritmo de crescimento do produto global. Os Estados Unidos, que tinham emergido como a grande potência econômica logo após a guerra — detendo cerca de 25% do produto e do comércio mundiais — recuam para posições mais modestas, à medida que o Japão e os países europeus retomam os patamares de produção anteriores ao conflito e passam a participar mais ativamente dos intercâmbios globais. As grandes nações começam a analisar questões relativas à produtividade para atingir o crescimento econômico de longo prazo (ALMEIDA, 2001). A moda passa a ser muito mais que apenas uma tendência, tornando-se uma revolução cultural e revertendo a lógica da indústria conhecida até então. No próximo capítulo, serão analisadas as transformações do período relativo aos anos 1960 até o final do século - conhecido como a segunda fase da moda moderna -, detalhando as principais mudanças observadas na moda em cada momento e quais consequências elas trouxeram para a vida em sociedade.

4 A MODA NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XX

A segunda fase da moda moderna, que tem início nos anos 1960, caracteriza-se principalmente pelo fato de todas as facetas da vida em sociedade serem afetadas, ao menos em parte, pelas mudanças no mundo da moda. Nesse sentido,

Em sua realidade profunda, essa fase [...] prolonga e generaliza o que a moda de cem anos instituiu de mais moderno: uma produção burocrática orquestrada por criadores profissionais, uma lógica industrial serial, coleções sazonais e desfiles de manequins com fim publicitário (LIPOVETSKY, 2006, p. 107).

As décadas de 1960 a 1990 foram repletas de mudanças em diversas áreas da sociedade. O *baby boom* do pós-guerra teve um efeito cada vez maior sobre as transformações da moda e houve uma explosão de juventude em todos os aspectos. O sistema *ready to wear*, criado no pós-guerra, desenvolveu-se para uma abrangência maior de produção, dando forma à versão francesa chamada de *prêt-à-porter*. A alta-costura entrou em declínio e "o impulso da cultura jovem ajudou a acelerar a difusão de valores anticonformistas, exaltando a espontaneidade, a ironia e a liberdade" (CALANCA, 2008, p. 206). Além da diminuição da importância da alta-costura, na segunda metade do século surgem novos focos criativos, com cada criador traçando sua própria trajetória inventiva, apresentando coleções baseadas em múltiplas referências e períodos históricos (LIPOVETSKY, 2006).

O papel do consumidor foi revalorizado na criação da moda, por conta do aumento de seu poder de compra e da maior liberdade de expressão cultivada no período. A moda tornou-se um fenômeno capaz de externalizar o sistema de desigualdades presente em diversas sociedades. Ela passou a cumprir a função de unir grupos de interesses e diferencia-los dos outros membros da sociedade estratificada (MARTÍN-CABELLO, 2016). Aproximando-se do final do século, os três principais valores da moda (o efêmero, a sedução e a diferenciação individual) dominaram todas as esferas da vida em sociedade (LIPOVETSKY, 2006). De modificações no comportamento a evoluções tecnológicas, a moda muda sempre, tendo se institucionalizado e se tornado mais autoconsciente ao longo dos anos. A moda foi parte importante do sistema social humano

ao longo dos séculos, principalmente em um período de tantas transformações como a segunda metade do século XX.

4.1 ANOS 60: CORRIDA ESPACIAL E CULTURA POPULAR JOVEM

A década de 1960 foi marcada por diversas transformações, como o aumento das viagens aéreas, as grandes manifestações da cultura popular jovem, a corrida espacial entre os Estados Unidos e a União Soviética, além de diversos conflitos raciais (COLE; DEIHL, 2015). Todos estes eventos influenciaram o percurso da moda durante a década, incorporando tendências ao vestuário de acordo com a mudança dos ideais vigentes na sociedade. Os altos padrões de fabricação e a técnica adquirida na produção em massa de fardas prepararam o caminho para a confecção rápida e em grandes quantidades, altamente utilizada no final da década de 50 e início da década de 60 (LAVIER, 2005). Da mesma forma, destaca-se no período uma grande contradição, pois ao mesmo tempo em que a calça foi introduzida definitivamente no vestuário feminino, a minissaia surgiu inspirada na moda das ruas. A moda deixou de ser única e passou a contar com várias vertentes e propostas, tornando a forma de se vestir cada vez mais ligada ao comportamento individual (MONNEYRON, 2007). Após a Segunda Guerra Mundial, os bens de consumo americanos tornaram-se sinônimo de um futuro modernista e abundante. Os Estados Unidos ganharam força, representando, para muitos, liberdade, oportunidade e modernidade, assim como seus produtos industrializados. A guerra ajudou a disseminar a mensagem do consumismo americano e a indústria de Hollywood popularizou esses produtos. Foi no país também que, em 1960, lançou-se no mercado a primeira pílula anticoncepcional, revolucionando a visão da sociedade sobre o sexo e trazendo liberdade para a mulher moderna. Em 1961, John F. Kennedy tornou-se presidente dos Estados Unidos, e sua esposa Jacqueline virou o foco da atenção da indústria da moda, transformando-se em um ícone de estilo da década. Nesse mesmo ano, Audrey Hepburn protagonizou o filme *Bonequinha de luxo*, contando com a parceria do costureiro *Givenchy* para a confecção de seus figurinos, os quais tornaram-se emblemáticos e símbolos da moda dos anos 1960 (FOGG, 2013).

Figura 7 - Audrey Hepburn em seu figurino de Bonequinha de Luxo



Fonte: Knightley (c2014)

A abertura de butiques, inicialmente em Londres, transformou a experiência de compras numa época de grande agitação social, mudando o ato de compra e venda. Anteriormente, comprar roupas era uma tarefa cansativa para a maioria dos adolescentes, pois era realizada em uma das lojas de departamentos do centro da cidade; agora, porém, tornara-se uma atividade prazerosa e parte de um estilo de vida. Uma das características principais da cultura de butique foi o desejo de derrubar as fronteiras entre trabalho e diversão. Este novo conceito de venda chegou aos Estados Unidos em meados da década, quando o resultado do trabalho dos estilistas britânicos nas butiques começou a alcançar a imprensa americana (FOGG, 2013). Por volta de 1965, metade da população estadunidense tinha até 25 anos, o que incentivava um mercado voltado para este nicho. Ocorreu, então, uma inversão no processo tradicional de adoção de uma moda, pois Paris começou a seguir as tendências que surgiam em Londres ou Nova Iorque. A popularidade do visual jovem trouxe, também, o culto à juventude entre as mulheres, que permanece como uma grande característica da sociedade até a atualidade (FRINGS, 2012).

Segundo North (2018), as mudanças tecnológica e institucional são as chaves elementares da evolução socioeconômica e ambas apresentam as características de dependência da trajetória. Nos anos 1960, ainda mais que nas décadas anteriores, toda a transformação social da década se refletiu nas tendências de vestuário e comportamento. É o caso, por exemplo, do movimento feminista, que transformou a moda

em uma das plataformas para demonstrar a quebra de paradigmas, com os designs de Coco Chanel, Yves Saint Laurent e Christian Dior contemplando a independência da mulher moderna. A moda começou a refletir a inconformidade das pessoas com os padrões, tornando o ato de se vestir uma maneira de expressar a individualidade do ser humano (OKONKWO, 2007). Como uma marca do início da contracultura, o tecido jeans, que até os anos 50 era utilizado apenas por operários, começou a fazer parte do mundo da moda. Surgiram diferentes e inovadores modelos advindos da clássica calça jeans, que ditaram o estilo rebelde característico deste período, intensificado na década posterior (COLE; DEIHL, 2015). Os processos de transformação cultural que tornaram essas roupas de trabalho especializadas em roupas de lazer foram alimentados por Hollywood. A associação entre entretenimento de massa, lazer e atividade de consumo ajudou a desenvolver uma narrativa popular em torno do jeans, que se tornou um símbolo facilmente identificado com a juventude. Na imaginação popular, um artigo antes associado ao trabalho era agora visto como algo contestatório e ameaçador às gerações anteriores (FOGG, 2013).

Figura 8 - Protesto feminista na década de 1960



Fonte: Maslin (c2013)

Com o passar dos anos, o modernismo deu lugar a um período de retrocesso no desenho de moda, fazendo surgir a nostalgia do revivalismo histórico. "Isso incluiu a moda das formas fluídas do *art nouveau*, e estampas foram transformadas em paletós coloridos que, junto com roupas *vintage* renovadas, eram vendidos em butikues" (FOGG,

2013, p. 341). A música, a arte e a moda substituíram o poder militar na colonização de outras culturas, fortalecendo a posição de Londres como geradora importante de cultura contemporânea, principalmente pela presença do grupo musical The Beatles, que influenciou a moda masculina de todo o período (FOGG, 2013).

Os anos 1960 e 1970 foram o auge da era de massificação das novas tecnologias e uma das grande inovações difundidas nesse período foi a televisão, que transformou a vida das pessoas no mundo inteiro ao influenciar o lazer, a política, a música, a moda e as diversas facetas do cotidiano. Foi através da televisão que os Estados Unidos disseminaram a maneira como as mulheres do mundo inteiro deveriam se comportar e se vestir. Ao mesmo tempo, os jovens começaram a criar sua própria moda, eliminando a distinção clara entre roupas femininas e masculinas, trazendo o visual andrógino para as tendências de vestuário. Este período ficou marcado por ser a primeira vez em que a forma como as pessoas se vestiam não era ditada por grandes estilistas e não usar o que estava 'na moda' se tornou sinônimo de liberdade (NASCIMENTO; ROPELATTO, 2016). O rádio portátil foi outra inovação importante, pois disseminou a cultura pop e as canções de gêneros voltados diretamente para os jovens. Os grandes nomes da música do período, como The Beatles, Rolling Stones e Bob Dylan, influenciaram de diversas maneiras o modo de pensar da nova geração, que se tornou cada vez mais crítica e politicamente ativa (BAILEY, 2018).

Durante os distúrbios políticos e a rebelião jovem dos anos 1960, a alta-costura foi considerada irrelevante para a maioria dos consumidores, cuja vida era cada vez mais dinâmica e sem tempo para provas de roupas demoradas. À medida que as tendências se aceleraram e os estilistas jovens criaram suas boutiques, a moda se voltou para as ruas, com ideias inovadoras adotadas por estilistas como Yves Saint Laurent (1936-2008). Com isso, surgiu o *prêt-à-porter* francês que, diferentemente das confecções industriais europeias, reproduzia os modelos inspirados na alta-costura, porém em grande escala, com boa qualidade e de maneira imediata (MONNEYRON, 2006). Com o novo sistema nasceu uma nova geração de estilistas, que procurava estar próxima das ideias das massas, encontrando sua inspiração ao observar a moda de rua. Surgiu também, a ideia de valorização dos jovens, ligada ao baby boom e ao crescimento do poder de compra desta categoria social. Mais tarde, o *prêt-à-porter* transforma-se para

uma produção de massa, auxiliando na redução das diferenças sociais do vestuário. Assim, a partir dos anos 1960, o sistema passou a produzir roupas não mais inspiradas apenas na alta-costura, mas também em outros valores como o cinema, esporte, estilos de vida, entre outros. Logo, o surgimento do *prêt-à-porter* francês trouxe consigo uma mudança simbólica, muito além da estética, pois representava uma transformação tecnológica e institucional, alterando novamente o comportamento social de consumo (LIPOVETSKY, 2006).

Outro grande marco dos anos 1960 foi a construção do Muro de Berlim em 1961, dividindo o lado Ocidental capitalista e o lado Oriental comunista da cidade, sendo resultado da Guerra Fria em andamento entre os Estados Unidos e a União Soviética. Por conta da prosperidade do lado Ocidental em relação ao Oriental, ao longo dos anos, diversas pessoas migraram de um lado para o outro de Berlim, fazendo com que, em 13 de agosto, um muro tenha começado a ser construído para evitar a evasão de mais pessoas do lado Oriental da cidade (BAILEY, 2018). O muro de Berlim marcou a divisão que já existia, não só na cidade, mas no mundo inteiro e, durante os vinte e oito anos seguintes, as ligações entre as duas zonas de Berlim foram intensamente vigiadas. Também no ano de 1961, o russo *Yuri Gagarin* tornou-se o primeiro homem no espaço, enquanto o costureiro francês *André Courrèges* lançou a emblemática minissaia. O fascínio pelo espaço, uma marca do período, levou ao surgimento de um novo estilo futurista no projeto de produtos, interiores e moda. Em Paris, um grupo de estilistas utilizou os recentes tecidos esportivos sintéticos de alta tecnologia para revitalizar a alta-costura francesa seguindo a tendência da era espacial. Numa tentativa de fundir moda e ciência, o estilista Pierre Cardin promoveu a ideia das roupas unissex com sua primeira coleção Era Espacial (FOGG, 2013).

Figura 9 - Coleção "Era Espacial" de Pierre Cardin



Fonte: Medeiros (c2012)

Em 1969, o americano Neil Armstrong concretizou a conquista do espaço ao ser o primeiro homem a efetivamente pisar na Lua. O feito foi comemorado, porém ao mesmo tempo, alguns observadores começaram a notar as consequências visíveis e invisíveis das novas máquinas, do investimento em tecnologia espacial e bélica e dos novos produtos químicos que surgiam constantemente. O movimento ecológico ganhou força propagando o conceito de "um só mundo" e transformando de maneira espetacular a mentalidade das pessoas. Ao mesmo tempo, ocorriam as cruzadas pelos direitos das mulheres, dos negros e dos jovens, todos interligados por serem movimentos a favor das minorias negligenciadas (BAILEY, 2018).

No fim da década, a moda dos tecidos futuristas inspirados pela era espacial foi rejeitada a favor de peças feitas à mão e uma preferência pelas fibras naturais. Os jovens preferiam vestir roupas coletadas em suas viagens globais, ao invés de itens produzidos em massa. Ao mesmo tempo, uma série de protestos de estudantes ocorreu em várias universidades de Paris, quase paralisando a cidade e envolvendo 11 milhões de trabalhadores. "Nas agitações sociais e políticas de 1968, o *flower power* simbolizou a força da natureza contra o poder da autoridade" (FOGG, 2013, p. 386). O estilo de vida alternativo fora da sociedade convencional culminou num desejo de livre expressão em todos os aspectos da cultura, tanto que, em 1969, se realizou o festival de música Woodstock, um momento definidor na história do século XX. A contracultura modificou o pensamento da sociedade e passou a fazer parte do mundo da moda como grande influenciadora das tendências a serem seguidas (FOGG, 2013).

4.2 ANOS 70: CONTRACULTURA E NOVAS TECNOLOGIAS

Segundo Fogg (2013), momentos icônicos geram modificações importantes nas atitudes para com diferentes áreas do corpo e marcam mudanças nos tabus sociais. Por isso, a passagem para os anos 1970 marcou uma mudança nas instituições globais relacionadas ao comportamento da sociedade, que gerou consequências na década posterior, como o surto de Aids. Aqui, podemos observar claramente a dependência da trajetória, mais uma vez, se fazendo presente na história da moda, pois o vestuário foi uma das grandes marcas dos movimentos da contracultura, que contribuíram para as

mudanças nos tabus sociais do período. Mesmo com a ascensão do movimento da contracultura, a década de 1970 foi sinônimo de crescimento e prosperidade para a indústria manufatureira da moda, principalmente no setor americano de produção em massa. Os avanços da tecnologia e dos meios de produção reduziram o espaço de tempo entre as criações e as mudanças de tendência. A influência que a cultura exercia na moda foi ampliada pelas transformações da sociedade, como a extinção da demarcação de um sistema de classes sociais característico do século anterior, o aumento do poder aquisitivo da classe média e o crescimento das viagens internacionais e das trocas entre as culturas (OKONKWO, 2007). Aos poucos, a moda começa a se tornar mais acessível, lançando tendências que adequam-se mais com os desejos da sociedade, trazendo uma maior liberdade em diversos aspectos e tornando-se um verdadeiro estilo de vida. Após o surgimento das bombas atômicas, a população tornou-se mais hedonista por conta da destruição iminente (FOGG, 2013).

No final da década de 1960, o centro da moda jovem transferiu-se de Londres para São Francisco, nos Estados Unidos, uma região portuária que recebia pessoas de diversas partes do mundo, tornando-se o berço do movimento hippie dos anos 1970. Este grupo de jovens pregava a paz e a liberdade, e visava reorganizar o mundo, sem coerção e buscando a renúncia ao materialismo, ao consumismo e à violência. Aos poucos, a moda começa a não ter mais o mesmo efeito sobre as escolhas dos consumidores. O visual hippie consistia em calças boca de sino, vestidos românticos, estampas coloridas, flores e franjas; com calçados de plataforma alta e bijuterias étnicas (FRINGS, 2012).

Ao longo da década de 1970, uma nova geração de estilistas japoneses começou a emergir como protagonista na moda internacional e um dos mais proeminentes foi Kenzo Takada (1939). A influência destes estilistas afastou em parte as fronteiras entre as modas ocidental e oriental no que diz respeito a convenções de vestuário. Com isso, a moda ocidental incorporou influências, tradições e formas não europeias às práticas predominantes (FOGG, 2013). Com o manifesto antimoda, surgiu o visual étnico, combinando peças indígenas, africanas, chinesas e de diversas outras culturas. "Os designers incorporaram a ideia étnica de sobreposições e propuseram combinações de peças separadas em suas coleções" (FRINGS, 2012, p. 25). O movimento negro começou a ganhar mais força, desenvolvendo o orgulho destes por suas heranças e

trazendo o penteado e o traje tradicionais africanos para as tendências da moda (FRINGS, 2012). A moda americana tornou-se menos complexa, enquanto um novo modernismo emergia, oferecendo uma alternativa aos trajes formais. Um interesse crescente no feminismo e um desejo por autonomia pessoal fizeram com que a mulher profissional recém-emergente necessitasse de um guarda-roupa conciso de peças individuais versáteis, compreendendo peças facilmente intercambiáveis que pudessem ser compradas preferencialmente em um só lugar. Em 1973, ocorreu a primeira semana de moda *prêt-à-porter* em Paris, demonstrando a importância do novo estilo de produção de roupas prontas, principalmente para as mulheres que possuíam uma rotina cada vez mais ocupada em seus empregos (FOGG, 2013).

Uma fase de recessão atingiu a década com dois choques do petróleo, um em 1973 e um em 1979, período que coincide com a expansão dos fluxos de capitais, dos movimentos especulativos sobre as moedas e das aplicações em bolsas de valores. Com isso, aumenta a interdependência entre as economias capitalistas, fazendo com que o mundo ficasse cada vez mais interligado, incluindo a indústria da moda (ALMEIDA, 2001). Tanto a Grã-Bretanha como os Estados Unidos produziram, no período, movimentos culturais que eram um antídoto à austeridade econômica. Na Grã-Bretanha surgiu o *glam rock* - definido pela teatralidade e excentricidade dos trajes; enquanto nos Estados Unidos foi o movimento da discoteca que emergiu após 1976. O *glam rock* tinha como seu principal representante David Bowie, com seu estilo andrógino e excessivo, incluindo botas de plataforma, vestidos estampados e pintura corporal. Já o fenômeno da discoteca possuía inspiração na música latina e no *soul*, refletindo a sexualidade intrínseca desses gêneros na moda das peças justas ao corpo (FOGG, 2013).

Figura 10 - Estilo Glam Rock



Fonte: Banks (c2017)

A popularidade do *glam rock* e da discoteca atingiu seu fim quando um novo movimento surgiu: o *punk rock*. O fenômeno *punk* irrompeu em Londres em 1976 como uma mistura de música simples, alta e agressiva combinada com uma abordagem surpreendente da aparência feminina e masculina. "A auto expressão, experimentação e, acima de tudo, indignação foram os princípios norteadores do que se tornou uma abordagem [...] de reinvenção do eu" (FOGG, 2013, p. 406). O movimento gerou a possibilidade de os roqueiros utilizarem-se de outros estilos musicais em composições, como o reggae e o jazz, criando novas maneiras de interpretar as canções. O surgimento do punk coincidiu com um momento instabilidade política, o que contribuiu para que muitas bandas criticassem o governo em suas músicas. Influenciada, principalmente na Inglaterra, por ideais anarquistas e socialistas, a maioria das bandas era formada por pessoas que não concordavam com as ações do governo. Imagens pornográficas eram usadas em estampas de camisetas e referências explícitas à sexualidade se juntavam a ideias extraídas diretamente das roupas militares e dos motociclistas (FOGG, 2013). Criou-se a política '*Do It Yourself*' (ou 'faça você mesmo'), que pregava que músicos e fãs não dependiam de grandes corporações, inclusive no que diz respeito à moda, sendo comuns *posters*, *flyers* e roupas feitos à mão.

Figura 11 - Estilo *Punk Rock*



Fonte: Livia (c2015)

A liberdade sexual e o hedonismo associados aos movimentos populares da década de 1970 culminaram no advento da epidemia da Aids no início da década de 1980, modificando o pensamento da população acerca de assuntos como a sexualidade.

O gênero punk rock deu lugar à *new wave* e ao *pós-punk* na década seguinte, e influenciou o surgimento posterior do estilo *grunge*, nos anos 1990 (FOGG, 2013).

Pouco antes do início da década de 1980, a moda se reinventa com o conceito de grife, um mecanismo que surgiu para individualizar a moda criando uma assinatura para a roupa. Por meio de uma etiqueta que revelava o criador da peça, havia uma tentativa de anular o aspecto coletivo do unissex e da moda hippie dos anos anteriores. Para contradizer a multiplicidade de estilos da década de 1970, buscou-se a individualidade para ser diferente, mas igual dentre os que possuíam a mesma ideologia. Nesta década, as tribos deram identidade e difusão às grifes em todo o mundo (FIALKOWSKI; RIBEIRO, 2014).

4.3 ANOS 80: INTERNACIONALIZAÇÃO DA MODA E ASCENSÃO DA ÁSIA

A atitude casual da moda dos anos 1970 criou o contexto para um cenário mais maduro e para as inúmeras evoluções no mercado da moda que ocorreram nos anos 1980. Esta década vivenciou uma mudança na percepção da beleza, principalmente porque a moda expandiu ainda mais sua visão para as diversas culturas existentes no mundo, aumentando a utilização das influências étnicas para uma grande escala produtiva. Com o avanço das décadas, as viagens internacionais e a comunicação intercontinental se tornaram mais comuns, fazendo com que os impactos das transformações no cenário da moda fossem sentidos no mundo todo. Durante os anos 1980, a moda evoluiu e se transformou em um fenômeno global (OKONKWO, 2007).

A popularização dos exercícios físicos incentivou homens e mulheres a exibirem seus corpos, priorizando a liberdade de movimento das peças. Uma nova geração de roupas chamadas de "segunda pele" celebrou o vigor e o físico do ser humano, marcando o início de um período progressista com a assimilação das roupas esportivas pela moda. O elastano, criado pela empresa DuPont em 1959, passou a ser conhecido como *lycra* e substituiu a borracha nos trajes esportivos. A *lycra* difundiu-se e passou a ser utilizada em malhas e tecidos, podendo ser entremeada e entrelaçada a outras fibras para criar uma geração inteiramente nova de tecidos de alto desempenho para a prática de exercícios físicos. Na alta moda, a tendência do corpo bem torneado permitiu que

estilistas criassem coleções de vestidos justos que delineavam cada curva, mas continuavam a ser confortáveis por conta da elasticidade do tecido utilizado. Lançado neste período por Hervé Läger, o vestido-bandagem permanece significativo e impactante até os dias de hoje, sendo comumente usado por grandes celebridades, cujos corpos esculpidos cuidadosamente são uma mercadoria valiosa para a indústria do entretenimento (FOGG, 2013).

Figura 12 - Vestido Bandagem de Hervé Läger



Fonte: Horwell (c2017)

Depois da moda *punk* do fim dos anos 1970, a passagem para a nova década testemunhou uma explosão de criatividade e glamour. O movimento da subcultura dos Novos Românticos aproximou a moda ao teatro, realizando uma leitura singular de fantasias e trajes culturais. "Tal teatralidade pós-punk reforçou a ruptura dos estereótipos de sexo, simplesmente transpondo elementos de roupas tradicionais percebidos como femininos, como cosméticos e cabelos tingidos" (FOGG, 2013, p. 417). As casas noturnas londrinas forneceram uma plataforma para a conexão entre moda, música e arte performática, fazendo surgir o *New Wave*, que definiu e moldou a cultura pop da década com um conjunto de tendências envolvendo cores vibrantes, chamativas e fluorescentes.

Uma mudança radical ocorreu nas atitudes em relação à moda quando a sociedade se mostrou disposta a adotar o consumismo ostentatório após a recessão dos anos 1970. A moda jovem dos *hippies* e o movimento *punk* foram descartados, dando lugar ao glamour exagerado e adulto (FOGG, 2013).

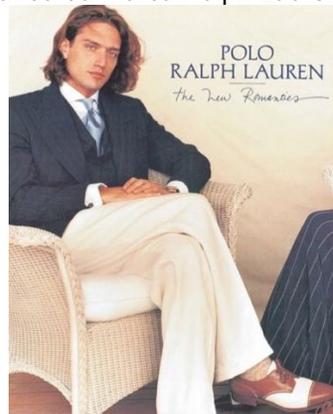
A década [...] foi decisiva para a moda [...]. Estilistas como Ralph Lauren, Calvin Klein e Giorgio Armani criaram do nada impérios em uma escala e com uma velocidade que pareciam impossíveis em meados de 1970. [...] Isso produziu um novo fator irresistível na economia do mundo: o dinheiro gasto em moda (FOGG, 2013, p. 412).

O poder do dólar americano de 1980 a 1985 resultou numa nova demanda pela alta-costura e roupas *prêt-à-porter* de luxo. Estilistas que haviam consolidado suas carreiras nos anos 1950, voltaram a ser o centro da demanda por possuírem um estilo formal e sofisticado. Em 1981, Ronald Reagan tornou-se presidente dos Estados Unidos, marcando o retorno do consumo ostentatório e das recepções formais na sociedade americana, restabelecendo as tradições dos bailes de caridade formais, incluindo o traje a rigor e vestidos longos. As criações extravagantes apresentavam ombros marcados e acessórios caros, fixando assim o paradigma para a ostentação excessiva. "Os anos 1980 foram um período de exibicionismo social, em que as reformas fiscais e a desregulamentação dos mercados financeiros por Reagan e pela primeira-ministra britânica Margaret Thatcher aumentaram a renda disponível ao estrato superior da sociedade" (FOGG, 2013, p. 436). A nova onda de estilistas constatou que as organizações da indústria da moda estavam dispostas a explorar a nova atenção da mídia internacional com uma variedade de iniciativas de marketing. Os estilistas celebraram e exploraram teatralmente a sexualidade das mulheres, uma ferramenta da moda comumente usada, gerando publicidade, atraindo divergência e vendendo figurinos. Ironicamente, à medida que a segunda onda de feminismo ganhou força, as imagens femininas da moda tornaram-se mais subjetivas e sexualizadas. Em 1983, o Conselho de Moda Britânico foi criado e, no ano seguinte, promoveu a primeira Semana de Moda de Londres, afirmando a posição da cidade como um centro da moda mundial. (FOGG, 2013).

Com o avanço da década, a marca emergiu como um ativo tangível vital ao sucesso da empresa, principalmente no mercado de produtos de luxo. Surgiu o conceito de "marketing de estilo de vida" para descrever a natureza aspiracional da mercadoria, e o design começou a ser percebido como essencial, tornando-se uma atividade de serviço, em vez de apenas um processo criativo. O emblema de uma marca, usado para identificar uma empresa específica, tornou-se cada vez mais importante e atraente para o

consumidor, trazendo para a moda a era da "logomania". Um importante expoente do marketing de estilo de vida e da gestão de marca foi o estilista americano Ralph Lauren. Sua marca inspirou-se na moda e nos acessórios de épocas passadas, transformando-as em produtos altamente desejáveis, incluindo de roupas e peças de decoração até artigos de toalete, óculos, bolsas e acessórios. Com níveis diversos de preços, a marca se tornou acessível a um público mundial de consumidores, com todos os produtos possuindo o logotipo característico e cobiçado da marca. O estilista Calvin Klein também difundiu uma estética americana, porém mais contemporânea, incluindo produtos de estilo de vida e moda para mulheres, homens e crianças. A identidade e gestão de marca começou a ser adotada por empresas de diferentes segmentos, não apenas os voltados para a elite (FOGG, 2013).

Figura 13 - Propaganda da marca Ralph Lauren na década de 1980



Fonte: Black (c2015)

Os jovens profissionais em ascensão no período, que viviam e trabalhavam nas capitais financeiras do mundo, foram chamados de *Yuppies* (do inglês *young urban professionals*, ou jovens profissionais urbanos). Eles se tornaram um dos alvos da indústria publicitária, que enfatizava a importância de um estilo de vida com roupas e acessórios icônicos de marcas de elite como Gucci e Rolex. Houve o início da busca por igualdade de direitos no mercado de trabalho entre mulheres e homens. Com isso, a silhueta elegante dos anos 1980 sofreu uma mudança abrupta, pois foi lançado o *power dressing*, anunciando um novo ideal feminino para o período: a mulher de negócios contemporânea. À medida em que os cargos de diretoria das empresas começaram a

ser ocupados por mulheres, a moda se adaptou trazendo a alfaiataria de ombros acentuados e resgatando a minissaia das décadas passadas, transformando a roupa das mulheres em uma mensagem de empoderamento. Blusas de ombros grandes apresentavam estampas vivas com efeitos, arcos, fitas e estampas de animais. A bolsa representou um símbolo de consumismo ostentatório para as mulheres de negócios, vendida a preços exorbitantes e tornando-se acessório de coleção para membros da elite. Um dos maiores ícones *fashion* do período foi a Princesa Diana, uma jovem mulher que ascendeu aos altos escalões da família real britânica e ficou conhecida por sua vestimenta ousada que transmitia elegância e poder (FOGG, 2013).

Figura 14 - *Power dressing* na década de 1980



Fonte: Sunnucks, (c2016)

Com a diminuição das fronteiras de comunicação entre os países, fabricantes e varejistas dos Estados Unidos e da Europa aumentaram muito as importações de tecidos, roupas e acessórios. A Itália passou a ser um dos grandes centros da moda internacional devido à influência de Giorgio Armani no mercado mundial (FRINGS, 2012). Na geopolítica dos anos 1980, o Japão, um dos gigantes asiáticos, começou a ganhar mais importância mundialmente por conta do aperfeiçoamento das técnicas de linha de montagem inventadas pelos norte-americanos durante a Segunda Guerra Mundial (BLAINEY, 2018). Este sistema de produção impactou também na maneira como as roupas eram produzidas, favorecendo a confecção em grande escala e as empresas que possuíam mais capital para investir. Ao mesmo tempo, inúmeras mudanças ocorriam na administração do negócio da moda, incluindo múltiplas fusões, aquisições e alianças

entre companhias, tornando o poder de barganha das grandes empresas cada vez maior no mercado (OKONKWO, 2007). A especialização e a divisão do trabalho em âmbito internacional faziam necessárias instituições e organizações complexas que assegurassem os direitos de propriedade para que as operações nos mercados de capitais, bem como outras modalidades de troca, pudessem ocorrer com o compromisso digno de crédito por parte dos atores. Direitos de propriedade assegurados requereram organizações políticas e jurídicas para impor o cumprimento de contratos ao longo do espaço e do tempo. Ou seja, uma maior complexidade no mercado da moda mundial fez com que ocorresse uma mudança nas instituições até então vigentes, para se adaptarem às novas necessidades dos agentes (ALMEIDA, 2001).

O aumento do tamanho e da importância das empresas gerou um aquecimento no mercado da moda dos anos 1980, aumentando também os empréstimos concedidos pelos bancos para financiar a expansão da produção. O período de otimismo do varejo levou a um crescimento exagerado das empresas. Os Estados Unidos, principalmente, se tornaram uma nação com um número inimaginável de lojas, estando cercados pelas aquisições e incorporações. Em 1987, forma-se o maior conglomerado de luxo do mundo com a fusão entre as marcas Moët Hennessey e Louis Vuitton, formando o grupo LVMH. Outra inovação da década foi o comércio por correspondência, que atendeu à demanda das mulheres que trabalhavam muito mais e que, então, preferiam a comodidade de fazer suas compras por catálogo (FRINGS, 2012).

Um grande número de países desenvolvidos passou por uma recessão nos anos 1980, com um alto índice de desemprego. Com isso, em uma tentativa de reduzir os custos de produção, as roupas passaram a ser fabricadas em países onde a mão de obra fosse mais barata e não houvesse um sistema de garantias de direitos trabalhistas consolidado, que era o caso da maioria dos países asiáticos. No mundo ocidental, entrava em vigor a licença maternidade e a suposta igualdade de remuneração, o que tornou o movimento de "terceirização da produção" ainda mais comum, aumentando sua proporção com o passar dos anos (ALMEIDA, 2001).

O final dos anos 1980 foi marcado por momentos importantes, incluindo a Segunda-Feira Negra - o segundo maior colapso da bolsa de valores na história dos Estados Unidos, ocorrido em 1987 - e a queda do muro de Berlim, em 1989, marcando

também o colapso do comunismo stalinista e da União Soviética, que deixou de existir definitivamente em 1991. O movimento de globalização foi retomado ao encerrar-se o intervalo histórico de desafios socialistas ao modo capitalista de produção. Após tantas transformações, o livre-comércio global era considerado iminente e existia a convicção de que acabariam as barreiras entre os países. Neste período de otimismo, surgiu também a internet, que fez com que as pessoas pudessem se comunicar com enorme facilidade, aumentando ainda mais a atmosfera de esperança e a sensação de uniformidade do mundo (BLAINEY, 2018).

4.4 ANOS 90: TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E GLOBALIZAÇÃO

O impacto da Incorporação dos países da ex-união soviética aos circuitos da economia internacional não foi muito expressivo em termos de produto global nem de comércio, porém foi mais relevante no que tange à divisão internacional do trabalho, pois houve uma expansão de aproximadamente 35% da população economicamente ativa. Com isso, ocorreu um incremento no exército industrial de reserva¹, refletindo no aumento da participação da China nos fluxos de comércio internacional, na medida em que a mesma passou a dirigir para o exterior a produção derivada dos investimentos diretos estrangeiros no país. “Países da periferia capitalista lograram desenvolver um sistema industrial integrado e relativamente competitivo, capaz de fornecer mercadorias a baixo custo e adaptadas aos padrões industriais dominantes” (ALMEIDA, 2001, p. 120). Isso fez com que a Ásia continuasse em sua trajetória de ascensão no mercado da moda mundial, servindo como um grande fornecedor de mão de obra de baixo custo. O movimento da globalização revigorada no final do século XX, fez com que os diferenciais de renda se acentuassem devido às diferenças de produtividade entre os países; pois o objetivo era de produzir uma maior quantidade de bens a custos continuamente mais baixos (ALMEIDA, 2001).

A convivência harmoniosa de uma grande diversidade de estilos foi a grande marca da moda na década de 1990. Várias tendências foram lançadas visando a atender

¹ Conceito desenvolvido por Karl Marx que se refere ao desemprego estrutural das economias capitalistas. Ele consiste na força de trabalho que excede as necessidades de produção (FORTES, 2019).

os diferentes tipos de consumidores existentes. Mesmo com o alto otimismo do final da década anterior, o início dos anos 1990 foi marcado por uma recessão internacional que começou nos Estados Unidos e no Reino Unido, alcançando, posteriormente, o Japão e a maioria dos países europeus. Isso trouxe grandes consequências para a indústria da moda, pois o cenário econômico contraído fez as roupas ficarem mais sóbrias, trazendo destaque para peças mais minimalistas (SMITH, 2004; MACKENZIE, 2011). Diante das demissões provocadas pela fraca economia do início da década de 1990, houve uma grande queda nas vendas e os consumidores começaram a considerar o preço como a variável mais importante na decisão de consumo. O minimalismo atuava nas peças pelo processo de eliminação, resultando em costuras, detalhes e peso mínimos. Esse movimento teve forte influência da estética japonesa por conter modelagens mais amplas, curvas mais discretas e uma visão simplista da vida, contrapondo o exagero dos anos 1980 (FOGG, 2013).

Figura 15 - Roupas femininas minimalistas dos anos 1990



Fonte: Afroza (c2014)

A recessão do período fez ressurgir o manifesto antimoda, porém desta vez através do estilo *grunge*, um movimento de músicos adolescentes que utilizavam roupas antigas e rasgadas como forma de protesto ao novo sistema de produção, sendo uma combinação dos movimentos *hippie* e *punk* (FRINGS, 2012). O estilo *grunge* privilegiava peças baratas, vestidos de brechó, jeans rasgados e desbotados, camisas de flanela quadriculadas, gorros e calças cargo. Os jovens do período começaram a ser chamados de "Geração X", caracterizados por uma filosofia mais sombria e nihilista da vida. O estilo

grunge foi o grande influente na moda e no comportamento dos jovens, principalmente pelo seu estilo mais casual.

Em 1991, metade das roupas compradas nos EUA era proveniente de liquidações e de grandes varejos têxteis. A alta-costura tinha perdido muito espaço no mercado e via suas vendas caírem drasticamente. Os varejistas da moda estabeleceram diferentes estratégias para tentar recuperar seus clientes, incluindo o atendimento personalizado e as seleções de marcas próprias (FRINGS, 2012). As campanhas publicitárias também foram utilizadas, sancionando o corpo belo como extremamente magro, dando início à estética que seria descrita como *heroin chic* - nome advindo da droga heroína que é associada comumente ao emagrecimento excessivo. A fase de antimoda teve curta duração, dando lugar ao estilo dos americanos contemporâneos. O sutiã e o espartilho se tornaram uma parte visível da moda, sendo transformados de itens restritivos a símbolos do fortalecimento da identidade feminina. O espartilho foi transformado num dispositivo estratégico de empoderamento que dava ao usuário autonomia sobre sua sexualidade (FOGG, 2013).

A moda de 1990 evocava uma sexualidade luxuosa e decadente, com o glamour das supermodelos que foram transformadas em celebridades internacionais. Em 1992, o estilista Versace causou controvérsia ao lançar sua coleção de *bondage*, abertamente sexual com roupas fetichistas e cada vez mais explícitas, incluindo correias, couro e sapatos de salto agulha. As estampas animais foram altamente difundidas, assim como a utilização de peles para a produção de artigos como bolsas, sapatos e casacos. Karl Lagerfeld, estilista da Fendi na época, experimentou novas formas de processar as peles de animais para multiplicar os modelos disponíveis para fabricação de materiais, permitindo que fossem tingidos e estampados (FOGG, 2013).

Figura 16 – A controversa coleção *Bondage* de Versace

Fonte: Moss (c2017)

Uma abordagem visionária do marketing e da publicidade serviu para regenerar a imagem das marcas e auxiliá-las a ocupar uma nova fatia de mercado. O tamanho das companhias cresceu enormemente, gerando grandes conglomerados de empresas de luxo que competiam por novas aquisições no mercado. A Gucci e a LVMH dominaram a indústria de moda e acessórios durante os anos 1990, lutando pela supremacia no grande mercado de luxo.

O crescimento excessivo do setor da moda neste período causou uma modificação das estruturas institucionais nas quais ele se baseava, demandando uma maior complexidade das normas formais por conta da nova velocidade de mudança observada nas restrições informais. As *maisons* começaram a entrar para o mercado financeiro e no final da década de 1990, as companhias de capital aberto do Vale do Silício tinham multiplicado seu valor exponencialmente no mercado de ações americano. Nos últimos anos do século XX, grandes metrópoles começaram a surgir no Terceiro Mundo, algo incomum anteriormente, fazendo com que, ao final do século, não houvesse mais nenhuma cidade europeia entre as 15 maiores do planeta (BLAINEY, 2018). Os ofícios manuais passaram por um renascimento global, impulsionado pela confluência de técnica artesanais tradicionais com as novas possibilidades da revolução digital na manufatura têxtil (FOGG, 2013). Em 1995 foi criada a Organização Mundial do Comércio (OMC) com o objetivo de criar normas e regulamentações para supervisionar e liberalizar o comércio internacional, trazendo avanços nas relações diplomáticas entre os países.

Estabeleceram-se melhores interconexões físicas dos transportes, a proteção da propriedade intelectual e a redução das barreiras ao comércio (BLAINEY, 2018).

A revolução da comunicação em velocidade cada vez maior, fez com que a maioria das grandes marcas de moda expandisse suas operações para o mercado internacional. Muitas inovações ocorreram também nas estratégias de venda das empresas e no design das lojas para uma melhor representação da identidade de cada marca. O uso de tecnologias de informação avançadas para a administração e o controle da produção e do estoque se tornou uma ferramenta essencial para a competitividade das empresas do setor da moda. Houve, com isso, um aumento ainda maior da velocidade de difusão da moda e, conseqüentemente, da produção de tendências (OKONKWO, 2007). O período ficou marcado pela colonização global da moda, onde grandes marcas entraram nos mercados locais, ocasionando no fechamento de pequenos empreendimentos. À medida que os mercados cresceram, a demanda pela moda fez com que o processo de fabricação das roupas se modificasse, encurtando a cadeia de produção e criando o sistema chamado de *fast fashion*, que dominaria o setor com a chegada do novo século. Esse sistema produtivo diferenciou-se do modelo tradicional que consistia em duas coleções apresentadas ao longo do ano – outono-inverno e primavera-verão -, criando e produzindo rapidamente peças em grande escala, com base nas tendências observadas nas grandes marcas de moda. O nascimento do *fast fashion* transformou a qualidade e a ética do mercado de moda, pois o sistema baseia-se na mão de obra barata de países subdesenvolvidos e no uso de materiais com qualidade inferior, tornando o ciclo de vida das peças menor e aumentando o impacto ambiental criado por elas (MARTÍN-CABELLO, 2016).

As transformações nas instituições da sociedade no início do século XXI, trouxeram à tona questões acerca da sustentabilidade do modo de produção vigente, causando a ascensão do sistema *slow fashion*, a principal tendência observada no mercado da moda na atualidade. A era da informação e a globalização renovaram a indústria da moda e a levaram ao revolucionário século XXI, período que necessita de cada vez mais atenção por conta de sua enorme complexidade de modificações. Não sabemos o que o futuro nos guarda, porém sabemos que a história nos trouxe ao ponto presente e que as próximas décadas dependem de novos estudos e de uma modificação

nas instituições que são base do atual sistema de consumo, para que possamos escrever ainda mais história neste setor econômico e social tão diverso que é a moda.

5 CONCLUSÃO

A moda como expressão de um contexto social, econômico, cultural e histórico, acompanhou de perto diversas mudanças importantes pelas quais o mundo passou. O século XX foi o período de maior transformação do mundo moderno e dividiu-se em duas partes principais, com grandes diferenças entre elas.

Seu início teve a característica de um enorme otimismo por conta da conjuntura da Belle Époque, o qual foi diminuindo ao longo dos anos. A moda acompanhou essa mudança, passando de sofisticada a modesta, de acordo com as transformações no comportamento da sociedade. Nestes cem anos, aconteceram duas guerras mundiais e uma depressão econômica, que trouxeram inúmeras consequências para o vestuário, acarretando em uma maior simplicidade das roupas pela necessidade de tornar a construção delas menos complexa e custosa. A democracia foi posta em prova por ditaduras e pela ascensão do comunismo. Um novo surto de otimismo surgiu por conta de diversas invenções que foram a base para a sociedade de consumo da segunda metade do século. Surgiu assim a produção em massa de peças de roupa, introduzindo o modelo de consumo rápido que foi base do sistema atualmente conhecido. Os meios de comunicação evoluíram de maneira extraordinária, unificando cada vez mais as diferentes sociedades existentes no mundo, e tornando mais fácil a disseminação das tendências que surgiam primordialmente na Europa. No início do século, o continente europeu era um império dominante, perdendo sua força ao longo das décadas e cedendo seu lugar aos Estados Unidos e às potências asiáticas. A ciência possibilitou avanços inimagináveis na medicina, aumentando consideravelmente a expectativa de vida da população, assim como seu acesso à educação.

Na segunda metade do século, foi realizada a exploração do espaço sideral, trazendo otimismo em relação às novas tecnologias e transformando a moda em um portal para o futuro. Ao mesmo tempo, entretanto, questões acerca da poluição e da superpopulação começaram a ser discutidas, refletindo em uma maior consciência social que deu início aos movimentos de contracultura. As últimas décadas do período testemunharam o surgimento das armas nucleares, causando temor entre as nações e sendo o principal assunto de debates do início do século XXI. Com o surgimento da internet e o desenvolvimento das tecnologias de informação, a moda foi revolucionada

em uma velocidade nunca antes vista, fazendo o tempo entre as coleções e as mudanças de tendências diminuir exponencialmente, expandindo as fronteiras do conhecimento existentes até então.

Todos os acontecimentos do século XX estão relacionados de acordo com a teoria institucionalista. As instituições ligam o passado ao presente e ao futuro, de maneira que a história se constitui em grande medida em um relato incremental da evolução institucional em que o desempenho histórico das economias só pode ser compreendido como elemento de um encadeamento narrativo. A progressão da moda pela história do século XX demonstra que o homem tende, naturalmente, a portar-se de maneiras distintas em tempos incertos. Em períodos de otimismo, a moda revela-se extremamente luxuosa. Em tempos de crise, observa-se uma retração da moda para assumir seu papel funcional, voltando-se para o passado para reviver outras épocas de forma nostálgica, ou olhando para o futuro por meio de interpretações otimistas de novos tempos. Também é realizado o ajuste de silhuetas e comprimentos das peças de roupa, por conta da escassez de matérias-primas, fazendo com que seja necessário voltar-se para o minimalismo na produção.

A moda no decorrer do período estudado foi afetada por uma multiplicidade de fatores sociais, econômicos e tecnológicos. Embora esses eventos possam ser analisados individualmente, é necessária a observação em conjunto para a compreensão plena da diversidade de fatores que contribuíram para as mudanças institucionais do período. A natureza desta mudança por incrementos, juntamente com o modo segundo o qual os atores interpretam seu ambiente e fazem escolhas, explica a dependência da trajetória observada e torna a história relevante neste contexto.

Este estudo é apenas o início de uma observação com múltiplas possibilidades e demonstra a importância da interdisciplinaridade entre as diversas áreas do conhecimento para interpretar períodos tão complexos como o século XX. Conclui-se que esta pesquisa não se finda aqui, e que o tema explorado ainda possibilita diversas outras abordagens capazes de enriquecer o conhecimento acadêmico sobre o setor econômico da moda e sobre seu impacto na vida em sociedade. Quanto mais aprendemos sobre a história da moda, mais percebemos sua verdadeira complexidade.

REFERÊNCIAS

ACEMOGLU, D.; ROBINSON, J. **Por que as Nações Fracassam**: as Origens do Poder, da Prosperidade e da Pobreza. Rio de Janeiro: Campus, 2012.

AFROZA. Inspiration of the Month – 90's Revival. **Chic Stylista**. C2014. Disponível em: <https://bit.ly/2XnTdpz>. Acesso em: 10 jun. 2019.

ALMEIDA, P. R. A economia internacional no século XX: um ensaio de síntese. **Revista Brasileira de Política Internacional**, Brasília, v. 44, n. 1, p. 112-136, jun. 2001. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-73292001000100008&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 22 maio 2019.

AUDACES. Você sabe o que é um Maison?. **Blog Audaces**. 2015. Disponível em: <https://bit.ly/2MX1QU0>. Acesso em: 12 jun. 2019.

BANKS, A. The 4 Japanese Luminaries Who Helped Shape David Bowie's Signature Look & Sound. **Highsnobiety**. c2017. Disponível em: <https://bit.ly/2Xi9WdX>. Acesso em: 15 jun. 2019.

BERNARDI, B. O conceito de dependência da trajetória (path dependence): definições e controvérsias teóricas. **Perspectivas**. São Paulo, v. 41, p. 137-167, jan./jun. 2012. Disponível em: <https://bit.ly/2E4olSz>. Acesso em: 28 set. 2018.

BLACK, C. Vintage Ralph Lauren. **Habitually Chic**. c2015. Disponível em: <https://bit.ly/2J2JnR1>. Acesso em: 15 jun. 2019.

BLAINEY, G. **Uma breve história do século XX**. 2. ed. São Paulo: Fundamento, 2018.

BRAGA, J. **Reflexões sobre moda**. 2. ed. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2005.

CALANCA, D. **História Social da Moda**. São Paulo: Senac, 2008.

COASE, R. **The nature of the firm**. Estados Unidos: Oxford University Press, 1937.

COLE, D.J.; DEIHL, N. **The history of modern fashion**. [S.l]: Laurence King Publishing, 2015.

CRANE, D. **Ensaio sobre moda, arte e globalização cultural**. São Paulo: Senac, 2011.

FIALKOWSKI, M; RIBEIRO, E. A moda como reflexo das transformações sociais e emancipação feminina. **Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE**. Paraná, v. 1, 2014. Disponível em: <https://bit.ly/2WMPvuO>. Acesso em: 03 jun. 2019.

FRINGS, G. S. **Moda**: do conceito ao consumidor. Porto Alegre: Bookman, 2012.

FOGG, M. **Tudo sobre moda**. Rio de Janeiro: Sextante, 2013.

FORTES, R. V. Sobre o conceito de exército industrial de reserva: aspectos históricos e atualidade. **Temporalis**, [S.l.], v. 18, n. 36, p. 256-273, jan. 2019. Disponível em: <https://bit.ly/2KtX4LZ>. Acesso em: 17 jun. 2019.

FURUBOTN, E; RICHTER R. **Institutions and Economic Theory: The Contribution of the New Institutional Economics**. [S.l.]: University of Michigan Press, 2005. Disponível em: <https://bit.ly/31PKP1m>. Acesso em: 12 mai. 2019.

GALA, P. A teoria institucional de Douglass North. **Revista de economia política**. [S.l.], v. 23, n. 2, abr./jun. 2003. Disponível em: <https://bit.ly/2Mxtjeq>. Acesso em: 11 nov. 2018.

GILBERT, M. **A história do século XX**. [S.l.]: Crítica, 2017.

HORWELL, V. Hervé Léger obituary. **The Guardian**. c2017. Disponível em: <https://bit.ly/31E1xkd>. Acesso em: 15 jun. 2019.

IVES, S. 2012 Basking in Beautiful French Fashion from 1908. **Susanna Ives**. c2012. Disponível em: <https://bit.ly/2KXv02P>. Acesso em: 15 jun. 2019.

JUARÉZ, J. Ivy League style is your only choice If you want to be the best dressed in autumn. **Badhombre**. c2018. Disponível em: <https://bit.ly/2XjmuSm>. Acesso em: 12 jun. 2019.

KAY, A. A critique of the use of path dependency in policy studies. **Public administration**. [S.l.], n. 83, ed. 3, 2005. Disponível em: <https://bit.ly/2RpyIT5>. Acesso em: 13 nov. 2018.

KIMBLE, J. Everyone Was Wrong About the Real 'Rosie the Riveter' for Decades. **Time**. c2018. Disponível em: <https://bit.ly/2XX3eaq>. Acesso em: 10 jun. 2019.

KNIGHTLEY, K. Movie costumes. **Howling elephant**. c2014. Disponível em: <https://bit.ly/31GjA9G>. Acesso em: 15 jun. 2019.

LAVER, J. **A roupa e a moda**: uma história concisa. São Paulo, Cia. das Letras, 2005.

LEE, A. The Little Black Dress 1920-1960s. **Livejournal**. c2010. Disponível em: <https://bit.ly/2KnfkpU>. Acesso em: 10 jun. 2019.

LIPOVETSKY, G. **O Império do Efêmero**: a moda e seu destino nas sociedades modernas. São Paulo: Cia das Letras, 2006.

LIVIA. The complete guide to 1970s fashion. **A fashion history**. c2015. Disponível em: <https://bit.ly/2KoGkFU>. Acesso em: 10 jun. 2019.

LURIE, A. **A linguagem das roupas**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

MACKENZIE, M. **...ismos para entender a moda**. São Paulo: Globo, 2011.

MARTÍN-CABELLO. El desarrollo histórico del sistema de la moda: una revisión teórica. **Athenea Digital**, v. 16, n. 1, p265-289, 2016. Disponível em: <https://bit.ly/2x9Bm7h>. Acesso em: 10 mai. 2019.

MASLIN, J. Looking Back at a Domestic Cri de Coeur. **The New York Times**. c2013. Disponível em: <https://nyti.ms/2J2IDeH>. Acesso em: 10 jun. 2019.

MEDEIROS, R. O futuro aconteceu no passado. **Nas entrelinhas**. c2012. Disponível em: <https://bit.ly/2InzAWj>. Acesso em: 08 jun. 2019.

MÉNARD, C.; SHIRLEY, M. **Handbook of New Institutional Economics**. Dordrecht: Springer, 2005.

MENDES, V.; HAYE, A. de la. **A moda do século XX**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

MIA. 20TH CENTURY FASHION HISTORY: 1950-1960. **The Fashion Folks**. c2017. Disponível em: <https://bit.ly/2XSOKlm>. Acesso em: 10 jun. 2019.

MONNEYRON, F. **A moda e seus desafios: 50 questões fundamentais**. São Paulo: Editora SENAC, 2007.

MOSS, J. Gianni Versace's five most iconic collections. **DAZED**. C2017. Disponível em: <https://bit.ly/2KY2KNE>. Acesso em: 15 jun. 2019.

MOUTINHO, M. R.; VALENÇA, Máslova Teixeira. **A Moda no Século XX**. Rio de Janeiro: Senac, 2000.

NASCIMENTO, N. G; ROPELATTO, L. R. Moda, efemeridade e os momentos críticos do século XX. **DAPesquisa**, v.11, n.16, p228-238, agosto 2016. Disponível em: <https://bit.ly/2Fp11gL>. Acesso em: 13 jun. 2019.

NORTH, D. **Instituições, mudança institucional e desempenho econômico**. [S.l]: Três Estrelas, 2018.

NORTH, D. **Structural and change in economic history**. [S.l]: W. W. Norton & Company, 1982.

- NORTH, D. The new institutional economics and development. **Economic History**. University Library of Munich, 1993. Disponível em: <https://bit.ly/2WYOs6C>. Acesso em: 10 Abr. 2019.
- NORTH, D. **The rise of the western world: a new economic history**. [S.l.]: Cambridge University Press, 1973.
- NORTH, D. **Understanding the process of economic change**. [S.l.]: Princeton University Press, 2010.
- OKONKWO, U. **Luxury fashion branding: trends, tactics, techniques**. [S.l.]: Palgrave Macmillan, 2007.
- RUTHERFORD, M. **The Institutional Movement in American Economics, 1918–1947**. New York: Cambridge University Press, 2011.
- SIMON, F. Military uniform 1916-18. **The Met**. c2009. Disponível em: <https://bit.ly/2ImDCy9>. Acesso em: 15 jun. 2019.
- SIMON, H. Rationality in Psychology and Economics. **The Journal of Business**, Vol. 59, no. 4, p. 209-224. 1986. Disponível em: <https://bit.ly/2Im6mql>. Acesso em: 15 mai. 2019.
- SMITH, N. M. **O pretinho básico**. São Paulo: Planeta, 2004.
- SUNNUCKS, J. Is power-dressing a thing of the past?. **DAZED**. c2016. Disponível em: <https://bit.ly/2Ztuq0H>. Acesso em: 10 jun. 2019.
- VEBLEN, Thorstein. **A Teoria da Classe Ociosa**. São Paulo: Enio Matheus Guazzelli & Cia. Ltda, 1965.
- VEILLON, D. **Moda & Guerra: um retrato da França ocupada**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- WALLIS, J. **Persistence and Change in Institutions: the evolution of Douglass C.** North. University of Maryland, 2010. Disponível em: <https://bit.ly/2WMajsQ>. Acesso em: 10 jun. 2019.
- WILLIAMSON, O. E. **The economic institutions of capitalism**. New York: Free Press, 1985.
- WILSON, E. **Enfeitada de sonhos: moda e modernidade**. Rio de Janeiro: Edições 70, 1985.

ANEXO A – LINHA DO TEMPO

HISTORY & STYLE - FASHION AND WORLD HISTORY FROM THE 20TH CENTURY

1.1 FASHION AND WORLD HISTORY FROM THE 20TH CENTURY

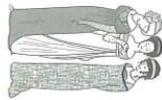
Coco Chanel once said, "Fashion is not something that exists in dresses only. Fashion is in the sky, in the street; fashion has to do with ideas, the way we live, what is happening..."

Fashion is a fast-changing concept that connects with everybody's everyday life especially from the 20th century. Styles and ideas became more accessible to fashion designers by improved communication and the media. Fashion is a part of who we are, the way we live, and the times in which we exist. To start off, a timeline is included to show the relationship between the fashion trends and world events from the 20th century; and also the fashion keywords and style icons of the decades.

1900s
The Edwardian Era & rise of Parisian haute couture

1910s
The Oriental Era & WWI

FASHION



• **1903**
Paul Poiret established his couture house in Paris

• **1909**
Condé Nast took over Vogue magazine



• **1912**
Queen of the Blasé Cut, Madeleine Vionnet opened her couture house



• **1914**
Burberry trench coat used by the British Army during WWI

• **CHANEL** 1909

• **PRADA** 1912

• **BALENCIAGA** 1917

• Heinrich Stoll invented the flat-bed part knitting machine

• **Designer Mariano Fortuny** patented his pleat-setting technique

• **Speers** invented the circular bed part knitting machine

• **First modern bra design** patented in the United States

• **Gideon Sundback** patented the modern zipper

POST-IMPRESSIONISM & ART NOUVEAU

FAUVISM & GERMAN EXPRESSIONISM

CONSTRUCTIVISM

DADA

POPULAR CULTURE



• **First Silent Movie:** The Great Train Robbery

ABSTRACT ART & CUBISM

WORLD WAR I 1914-1918

WORLD

Albert Einstein published the Theory of Relativity and introduced the famous equation, $E = mc^2$

Ernest Rutherford, Father of Nuclear Physics, theorized that atoms have their charge concentrated in a very small nucleus



KEYWORDS & STYLE ICONS

- Bishop's Sleeve
- BOA
- Chignon
- Camkinckers
- Collarette
- Covert Coat
- Dog-collar Neckline
- Duster
- Lingerie-Look
- Neglige
- Panama Hat
- Pegged Trousers
- Pompadour
- Racer
- Sherid Corsel

- Style Icons
- Duff Gordon
 - Gabrielle Dorziat

- Style Icons
- Gibson Girl
 - Camille Clifford

1920S

The Roaring Twenties

1930S

Hollywood's influence & WWII

1940S

The era of utility clothing

1950S

Rise of ready-to-wear [prêt-à-porter]

FASHION



• 1926
Coco Chanel published a picture of a little black dress in American Vogue



• 1937
Elsa Schiaparelli designed the 'Lobster Dress' with artist Salvador Dalí

• GUCCI • BOSS
1921 1923

• *Katzenberg*
1928

• Development of metal hooks and eyes

• Wallace Carothers and DuPont Labs invented nylon (polymer 6.6)

ART DECO

SURREALISM



• The Kid



• IT



• Metropolis



• Morming Glory



• Shanghai Express



• Camille



• Modern Times



• The Wizard of Oz



• The Wizard of Oz

WORLD

• Philo Farnsworth invented the first all-electronic television system

• BBC started the world's first television broadcasting service

• Black Thursday & the start of the Great Depression

WORLD WAR II

1939-1945

KEYWORDS & STYLE ICONS

- Art Deco
- Balloon Shoes
- Blanket Cloth
- Cloverleaf Lapel
- Clutch Coat
- Corsetette
- Flapper
- Handkerchief Shirt
- Jabot Blouse
- Oxford Bag
- Plus Fours
- Polo Shirt
- Raccoon Skin Coat
- Singlet
- Slip

- Bathing Sleeve
- Bias Cut
- Blade Cut Suit
- Drape Cut Suit
- Guards Coat
- Hurricanes
- Lido Shoes
- Leathers
- Mess Jacket
- Monk
- Pagoda Sleeve
- Sarsaculer
- Toy Hat
- Tyrlean
- Weskit

- Atom
- Battle Jacket
- Bikini
- Bold Look
- Bomber Jacket
- Chinos
- Cigarette Silhouette
- Dulle Coat
- Dungarees
- New Look
- Prêt-à-porter
- Pullman Robe
- Spool torso

- Alpine
- Ballet Slippers
- Balmacaan
- Bermuda Shorts
- Capri Pants
- Circle Skirt
- Cocoon Silhouette
- Flare Coat
- H-line
- Ivy League Style
- Pea-Blouse
- Shirtwaister
- Silhouettes
- Teddy Boys
- Toppers
- Topaze Line
- Y-line

POPULAR CULTURE

ABSTRACT EXPRESSIONISM

POP ART



• *The Catcher in the Rye*



• Casablanca



• Gilda



• Roman Holiday



• Elsa Freely? Elsa Freely!

VIETNAM WAR

1955-1979

THE SPACE AGE

• Atomic bombings of Hiroshima and Nagasaki

• Post-war economic boom

COLD WAR

1947-1991

POST-WAR BABY BOOM

• Audrey Hepburn, James Dean, Bettie Page, Grace Kelly, Elizabeth Taylor, Marilyn Monroe, Elvis Presley

1960s

The Flower Power Era & ethnic folkloric

1970s

The 'Me' Decade & rise of anti-fashion

1980s

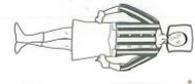
Power dressing & the yuppie era

1990s

Era of personal expression

FASHION

- 1964 André Courrèges showed his Space Age collection in Paris
- 1965 Yves Saint Laurent dress inspired by artist Paul Mondrian
- 1966 Twiggy declared as "The Face of 1966"
- 1970 Vivienne Westwood created punk fashion
- 1972 Beverly Johnson as the first black model on the cover of American Vogue
- 1974 The Sex Pistols performed "God Save the Queen" wearing Westwood
- 1977
- 1979
- 1981 Japanese Deconstructionism showed in Paris
- 1981 The Sex Pistols first screened Dynasty (TV series)
- 1986 A group of Belgian avant-garde fashion designers - The Antwerp Six, showed their collection in London
- 1990 Madonna wore the cone bra designed by Jean Paul Gaultier on World tour
- 1993 Kate Moss in Calvin Klein underwear campaign
- 1998 Sex and the City (TV series) first screened



MINIMALISM

OF ART

NEO EXPRESSIONISM

VIRTUAL ART

POPULAR CULTURE

- Breakfast at Tiffany's
- 2001: A Space Odyssey
- The Beatles Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band
- 2001: A Space Odyssey
- Annie Hall
- Saturday Night Fever
- Michael Jackson's Thriller
- E.T. the Extra-Terrestrial
- Nirvana's Nevermind
- Spice Girls Spice World
- Pretty Woman



WORLD

COLD WAR 1947-1991

VIETNAM WAR 1955-1979

1970s Recession

MOON LANDING

- Audio cassette invented
- Walkman invented



COLD WAR 1947-1991

Goldilocks Economy

The World Wide Web and Internet protocol (HTTP) and WWW language (HTML) created

- First commercially available cell phone invented by Motorola
- Apple Macintosh invented
- Google 1998



KEYWORDS & STYLE ICONS

- Aeron • Baby Doll Gown • Beehive Hairstyle • Ball Gown • Broomsticks • Carnaby Street Look • Chelsea Boots • Go-go Boots • Hippugger • Mini Skirt • Mod Look • Nehru Suit
- Biggies • Dressing-gown Coat • Duwet Coat • Folklorica • Gatsby Suit • Gauchos • Glam & Giltter Rock Style • Gypsy Style • Hippie Style • Hot Pants • Platform Shoes • Punk Look • Turleusuit

- Aerobics Craze • B-Boys • Bolla • Deconstruction • Ferrule • Miami Vice Loop • Poul Dress • Power-Dressing • Rockability • Romanique • Shell Tees • Skin Head • Skinny Tie
- Anti-fashion • Board Shorts • Bogartini/DiDi • Boxer Briefs • Casar Chic • Casual Chic • Cyberstyle • Grunge • Hipster • Minimalism • Racer • Slope • Tattoo & Body Piercing • Technoaville • Workout Clothing

Style Icons
 Mary Quant, Twiggy, Penelope Tree, Yoko Ono, Cher, Diana Ross, Brian Jones, The Beatles, Jacqueline Kennedy, Jane Birkin, Grace Coddington, Jean Strimmpon

Style Icons
 Pam O'Leary, Sid Vicious, Farrah Fawcett, Beverly Johnson, Bianca Jagger, Inan, Debbie Harry, Olivia Newton-John, Jane Fonda, Ali MacGraw, Jerry Hall, Paul Smith, Diane Keaton